

A Língua Brasileira de Sinais

Apresentação

Este material - "Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS" trata-se de forma resumida, da gramática dessa língua, como forma de subsidiar o seu trabalho pedagógico.

Objetivos

Objetivo Geral:

Oferecer informações básicas sobre a gramática da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Objetivos Específicos:

O professor deverá ser capaz de :

- . conhecer os aspectos mais relevantes de gramática da LIBRAS;
- . utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender a interferência da LIBRAS nos textos produzidos pelos alunos surdos;
- . estabelecer com o aluno surdo a comparação entre LIBRAS e Português, para que possa verificar as semelhanças e diferenças;
- . utilizar - LIBRAS, sempre que se fizer necessário, para a compreensão dos conceitos e conteúdos curriculares.

Informações Iniciais

1. Leia os objetivos específicos do fascículo;
 2. Estude o texto do fascículo;
 3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta;
 4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo;
 5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte;
 6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto;
 7. Responda novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo;
-

Introdução

LUCINDA FERREIRA BRITO

Doutora em Lingüística

*Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro*

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Por isso, são complexas porque dotadas de todos os mecanismos necessários aos objetivos mencionados, porém, econômicas e “lógicas” porque servem para atingir todos esses objetivos de forma rápida e eficiente e até certo ponto de forma automática. Isto porque, tratando-se muitas vezes de significados que demandam operações complexas que devem ser transmitidas prontamente diante de diferentes situações e contextos, seus usuários terão que se utilizar dos mecanismos estruturais que elas oferecem de forma apropriada sem ter que pensar e elaborar longamente sobre como atingir seus objetivos linguísticos.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidentes nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de seqüências sonoras que basicamente se transmitem temporalmente.

Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus referentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes ‘carro’ e ‘ato de dirigir’ como motivação de sua forma mas sim outros.

Este caráter convencional dos sinais icônicos atribui a ele um status linguístico posto que é conhecido o fato de que as palavras das línguas em geral são arbitrárias. Com isso queremos dizer que ao invés de rotular todos os chamados signos linguísticos de arbitrários, seria melhor considerar que alguns são motivados ou icônicos, porém, todos são convencionais.

Esta proposta não toma como base apenas as línguas de sinais mas também as línguas orais. Estas têm sido estudadas nos últimos anos em seus aspectos também icônicos. No intuito de tornar alguns conceitos e descrição de eventos mais visíveis, palpáveis e concretos, as línguas orais usam noções espaciais para traduzí-las. Por exemplo, alguns conceitos temporais são espacializados (uma semana **atrás**, “week **ahead**” (uma semana à frente)). Alguns eventos são estruturados cronologicamente ou de forma a reproduzir a sua natureza contínua ou iterativa (“ele **saiu correndo, tropeçou no balde e caiu**” ao invés de “ele caiu porque tropeçou no balde quando saiu correndo”; e “ele **correu, correu, correu** até não agüentar mais”). Cada vez mais alguns lingüístas têm salientado estruturas icônicas ou motivadas nas línguas orais o que mostra que esta característica não se encontra presente apenas nas línguas de sinais e que, portanto, melhor seria preconizar a convencionalidade como propriedade universal dos “signos” ou formas lingüísticas em detrimento da arbitrariedade.

Com o que dissemos até aqui, podemos concluir que o meio ou canal que distingue as línguas orais das línguas de sinais pode privilegiar e explorar características próprias do canal na constituição das estruturas lingüísticas e na sua articulação e percepção. Podem mesmo impor restrições aos mecanismos gramaticais como demonstraremos no decorrer deste texto. Entretanto, essas duas modalidades de língua apresentam de forma, às vezes, distinta estruturas geradas a partir de princípios universais e, portanto, comuns. Basicamente, línguas de sinais e línguas orais são muito semelhantes. As gramáticas particulares das línguas orais e das línguas de sinais são intrinsecamente as mesmas posto que seus princípios básicos são respeitados em ambas as modalidades: elas são dotadas de dupla articulação (estruturam-se a partir de unidades mínimas distintivas e de morfemas ou unidades mínimas de significado), usam a produtividade como meio de estruturar novas formas a partir de outras já existentes, estruturam suas sentenças a partir dos mesmos tipos de constituintes e categorias lingüísticas, suas sentenças são estruturadas sempre em torno de um núcleo com valência, isto é, o núcleo que requer os argumentos (complementos) necessários para a completude do significado que veicula. Todas essas colocações serão discutidas a seguir através da descrição de aspectos estruturais da LIBRAS, os quais serão comparados, sempre que possível, com os equivalentes em Língua Portuguesa, no intuito de salientar as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas.

No entanto, antes de passarmos à descrição propriamente dita da LIBRAS, é bom enfatizar que como todas as línguas ela é natural, isto é, ela é por definição natural. Assim, não é adequado dizer que a LIBRAS é a língua natural dos surdos brasileiros. Não, ela é natural devido à sua própria natureza o que a opõe a sistemas artificiais como o Esperanto, o Gestuno (sistema de sinais semelhante a um “pidgin” utilizado por surdos de vários países em sua interação em eventos e encontros internacionais), os diferentes códigos de comunicação (de trânsito, das abelhas, dos golfinhos, etc.) e as diferentes línguas orais sinalizadas (português sinalizado, inglês sinalizado,...). Dessa forma, considera-se que a LIBRAS é ou deve ser a língua materna dos surdos não porque é a língua natural dos surdos mas sim porque, tendo os surdos bloqueios para a aquisição espontânea de qualquer língua natural oral, eles sim é que só vão ter acesso a uma língua materna que não seja veiculada através do canal oral-auditivo. Esta língua poderia ser uma língua cujo canal seria o tato. Porém, como a alternativa existente às línguas orais são as línguas de sinais estas se prestam às suas necessidades. As línguas de sinais são, pois, tão naturais quanto as orais para todos nós e, para os surdos, elas são mais acessíveis devido ao bloqueio oral-auditivo que apresentam, porém, não são mais fáceis nem menos complexas. Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem assim como todos nós. Precisam

apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial lingüístico e, conseqüentemente, os outros e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo.

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas lingüísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções lingüísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua.

Veremos a seguir cada um desses conceitos da definição discutidos e ilustrados por estruturas da LIBRAS.

1. O Léxico ou Vocabulário da LIBRAS

O léxico pode ser definido ‘grosso modo’ como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais. Pensa-se frequentemente que as palavras ou sinais de uma língua de sinais é constituída a partir do alfabeto manual como por exemplo:

(1) a) C-E-R-T-O b) M-Y-R-N-A c) C-H-O-P-P

Entretanto, não é este o caso. A soletração manual das letras de uma palavra em português, como no exemplo (1), é a mera transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Isto é, um meio de se fazerem empréstimos em LIBRAS. Assim, como temos a palavra “xerox” em português que é um empréstimo do inglês, os exemplos em (1) ilustram os inúmeros empréstimos da LIBRAS.

(1-a) é a soletração do nome de uma pessoa, isto é, de um nome próprio em português porque os nomes próprios, em LIBRAS, são diferentes. Assim, quando uma pessoa quer apresentar alguém a alguém, primeiro soletrará seu nome em português (M-Y-R-N-A) e, se ele tiver um nome em LIBRAS, este será articulado em seguida. O exemplo (2) ilustra um usuário da LIBRAS apresentando uma pessoa chamada Myrna a seu interlocutor.

Exemplo (2):

A: 3 APRESENTAR 2. NOME M-Y-R-N-A. SINAL MYRNA.

(= Vou apresentá-la a você, o nome dela é M-Y-R-N-A. Seu sinal (nome próprio em LIBRAS) é Myrna)

(1-b) é a soletração de uma palavra em português “chopp” palavra para cujo conceito não há sinal ou palavra em LIBRAS. Neste caso, é a palavra escrita do português que será transposta para o espaço através da soletração manual.

(1-a) é a soletração de uma palavra em português para cujo conceito há um sinal em LIBRAS o qual não é conhecido por um dos usuários, em geral um ouvinte. Exemplo (3):

A: RESPOSTA CERTO (= A resposta está certa)

B: O-QUE ISTO, CERTO (= O que quer dizer este sinal?)

A: C-E-R-T-O (= certo)

B: O-K (Ah! Ok)

Ou então, uma pessoa pode soletrar C-E-R-T-O para mostrar a uma outra como se escreve esta palavra em português. Neste caso, a soletração manual é um meio de verificação, questionamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em português.

Entretanto, o sinal mesmo para o conceito “certo” em LIBRAS é o que se segue ao lado da ilustração da soletração manual da palavra certo:



Agora sim temos uma palavra de LIBRAS. Podemos perceber que ela não articulada de forma linear como o são as soletrações em (1). Esta palavra ou sinal tem uma estrutura distinta daquela das soletrações ou das palavras em português. As palavras, em português, são formadas pela justaposição linear de seus componentes ou unidades mínimas distintas.

1.1. Estrutura Sublexical dos Sinais a partir de suas Unidades Mínimas Distintivas

A palavra ou item lexical certo, em português, é formada dos seguintes componentes ou unidades:

em português falado

/sertu/

Temos aqui cinco sons ou fonemas, isto é, cinco componentes ou unidades mínimas da palavra falada certo.

em português escrito

certo

Temos aqui cinco letras ou grafemas componentes da palavra escrita. Não consideramos a letra uma unidade mínima como o fonema porque o fonema, às vezes, é representado, na escrita, por mais de uma letra, como é o caso de:

/xatu/ - chato /x/ - ch

ou, às vezes uma só letra pode representar mais de um fonema, como em :

/leksiku/ - léxico /ks/ - x

Assim, são cinco os componentes ou as unidades mínimas constitutivas das palavras em português. Essas unidades mínimas são chamadas fonemas que sabemos ser seqüencialmente combinadas para formar as palavras.

certo - /s e r t u/
chato - /x a t u/
léxico - /l e k s i k u/

Em LIBRAS, as unidades mínimas ou componentes da palavra ou sinal CERTO são os seguintes:

F é a configuração de mãos

I/ é o movimento linear, para baixo com retenção final

TBd é o ponto de articulação do sinal, isto é tronco, busto, lado direito

(Y,Z) (x,y) é a orientação da palma da mão para a esquerda

S é a simetria no movimento ou uso da mão esquerda, realizando o mesmo movimento que a esquerda, também como articulador e não apenas como mão de apoio.

Em português, as unidades mínimas ou componentes da palavra certo /sertu/ podem ser descritas da seguinte forma:

/s/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, fricativo.

/e/ som com passagem livre (vogal), sonoro, aberto, médio.

/r/ som com passagem obstruída (consoante), sonoro, vibrante.

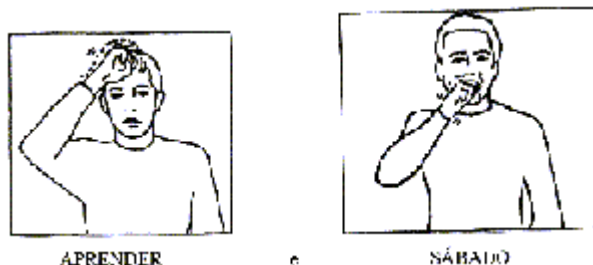
/t/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, oclusivo.

/u/ som com passagem livre (vogal) sonoro, fechado, posterior.

Pode-se observar pela descrição das unidades mínimas de CERTO, em LIBRAS, e de *certo*, em português, que as características das unidades dos sinais são espaciais (forma da mão ou do sólido, movimento linear e com retenção, vetores orientacionais da mão, etc.) e que as características das unidades das palavras faladas são de natureza acústico-sonoras (passagem livre ou obstruída dos sons, sonoridade, posição da articulação posterior, frontal, média na boca, etc.).

Como vimos, as palavras da LIBRAS e do português se estruturam a partir de unidades mínimas sonoras e espaciais, respectivamente. Essas unidades ou fonemas, como já dissemos, são distintas porque, quando substituídas uma por outra, geram uma nova forma lingüística com um significado distinto. Por exemplo, em

LIBRAS, temos:



que são duas palavras ou sinais distintos com significados também distintos somente pelo fato de o primeiro sinal - APRENDER - ser articulado na testa e de o segundo - SÁBADO - ser articulado na boca do usuário. Isto é, há uma característica espacial distinta nos sinais, o ponto de articulação, que os distingue. Essas características, /na testa/ e /na boca/, são unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das palavras **pata** e **bata** do português, /p/ e /b/, que também distinguem as formas linguísticas e seus significados. APRENDER e SÁBADO, em LIBRAS, e *pata* e *bata*, em português, são pares mínimos porque suas formas fonológicas são idênticas em tudo, exceto em uma característica espacial (ponto de articulação) para os primeiros e fonética (sonoridade) para os últimos. Vejamos outros pares mínimos em LIBRAS:

Pares Mínimos em LIBRAS



Através dos exemplos acima em LIBRAS e em português, mostramos que as palavras da LIBRAS também são constituídas a partir de unidades mínimas distintivas chamadas, em línguas orais, de fonemas. O número dessas unidades é finito e pequeno porque, seguindo o princípio de economia, eles se combinam para gerar um número infinito de formas ou palavras.

Então, o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Antigamente, pensava-se que a LIBRAS era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Pode acontecer o fato de que uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que

conhecemos não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico, entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa. Por exemplo, a LIBRAS não tinha um sinal para o conceito “linguística” até há poucos anos. À medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em linguística, do que significa linguística, houve a necessidade de gerar um sinal para esse conceito. O sinal LINGUÍSTICA não é soletração da palavra em português, porém, tem um vestígio de empréstimo porque a configuração de mão escolhida é L (apenas os dedos polegar e indicador estendidos), uma configuração própria da LIBRAS, porém, que costuma representar a letra “L” no alfabeto manual. Este sinal é realizado com as duas mãos, palmas para baixo com o polegar de uma mão quase tocando o da outra, na frente do busto, fazendo movimentos de rotação positiva e de translação retilínea para os lados.

Entretanto, não é qualquer combinação de unidades mínimas distintivas que será permitida pela língua. Há restrições e devido a elas é que vamos dizer que certas formas não são aceitas naquele sistema linguístico enquanto outras o são. Uma forma como *lbresk* não será identificado pelos falantes do português como uma forma bem formada ou como uma palavra dessa língua. Isto porque o padrão fonológico do português é CV (consoante + vogal) e devido a outros tipos de restrições. Na forma *lbresk* o uso de várias consoantes e a sequência de certos tipos de consoantes faz com que esta forma fuja aos padrões aceitos pela Língua Portuguesa. Da mesma forma, uma forma constituída a partir das unidades mínimas da LIBRAS não será aceita enquanto palavra dessa língua se fugir aos padrões que regem a formação de suas palavras. Por exemplo, um sinal em que o articulador principal é a mão esquerda ou em que a mão direita é a mão de apoio não será considerado uma palavra bem formada da LIBRAS.

As unidades descritas acima são chamadas unidades mínimas distintivas porque distinguem palavras, como nos exemplos citados para a LIBRAS, APRENDER e SÁBADO, que se distinguem pelo ponto de articulação: testa e boca, respectivamente. Da mesma forma, as palavras pata e bata, em português, se distinguem pela característica fonética sonoridade, ou seja, a primeira é surda e a segunda é sonora. Assim, /p/ e /b/ são duas unidades mínimas distintivas ou fonemas e os pontos de articulação /na testa/ e /na boca/ também são unidades mínimas, desta vez da LIBRAS, ou “fonemas”. Daqui para frente, quando falarmos de “fonemas” da LIBRAS estamos nos referindo às suas unidades espaciais que não têm nada a ver com som ou fone, porém, que funcionam igualmente aos fonemas das línguas orais.

Como pudemos observar, os princípios e mecanismos que são utilizados na estruturação de palavras a partir de unidades mínimas são os mesmos em português e em LIBRAS. O que difere é a natureza das características das unidades que são restritas pela modalidade oral-auditiva, em português, e pela modalidade visual-espacial, em LIBRAS. É devido às mesmas restrições que as unidades ou fonemas do português se organizam ou estruturam sequencialmente ou linearmente no tempo enquanto que as unidades ou “fonemas” da LIBRAS se estruturam simultaneamente ou ao mesmo tempo no espaço.

As unidades mínimas distintivas em LIBRAS são as seguintes de acordo com os parâmetros Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento-Orientação e Expressão Facial. Vejamos esses parâmetros no sinal CERTO/CERTEZA, ilustrado a seguir:

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)

MOVIMENTO (M)

PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

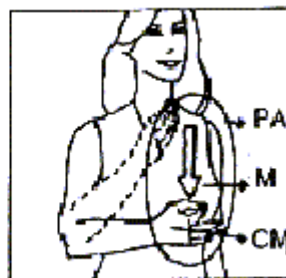


Figura do sinal certo com seus parâmetros

Configurações de Mão da LIBRAS

1	2	3	4	5	6

As 46 configurações de mão da LIBRAS

Pontos de Articulação da LIBRAS

É preciso também empregar certos adjetivos que localizam mais precisamente os pontos de articulação:

d = lado direito
c = lado esquerdo
m = medial
in = interna
ex = externa

Referindo-se à parte
Do corpo em questão

C CABEÇA

- ☐ topo da cabeça
- T testa
- R rosto
- S parte superior do rosto
- I parte inferior do rosto
- P Orelha
- O olhos
- N nariz
- B boca
- d bochechas
- A zona abaixo do

queixo

T TRONCO

P pescoço

O ombro

B busto

E estômago

C cintura

B BRAÇOS

S braço

Q queixo

I antebraço

C cotovelo

P pulso

M MÃO

P palma

C costa da mão

L1 lado do indicador

L2 lado do dedo mínimo

D dedos

Dp ponta dos dedos

Dd nós dos dedos (junção

entre os dedos e a mão)

Dj nós dos dedos

(primeira junta dos

dedos)

D1 dedo mínimo

D2 anular

D3 dedo médio

D4 indicador

D5 polegar

V Interstícios entre os
dedos

V1 Interstício entre o
polegar e o indicador

V2 Interstício entre os
dedos indicador e médio

V3 Interstício entre os
dedos médio e anular

V4 Interstício entre os
dedos anular e mínimo

p PERNA

EN ESPAÇO NEUTRO

Outros termos são usados para descrever a translação horizontal de pontos de articulação como imagens de um ponto precedente no referencial do corpo:

l = lateral
f = em frente
a = atrás

Na descrição dos pontos de articulação, são ainda usados os seguintes termos:

p = imediatamente próximo

med = distância média

dist = distante

K = em contato

Ki = contato inicial

Km = contato medial

Kf = contato final

x = cruzamento

Movimentos e Tipos de Orientação da LIBRAS

Movimentos internos das mãos:

□
[A ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo indicador

[As ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo dedo mínimo

□
[As → 5] abertura simultânea dos dedos

□
[5 → As] fechamento simultâneo dos dedos

[$\overset{\dots}{L} \rightarrow bO$] pinçamento (com o indicador e o polegar)

[$\overset{\dots}{5} \rightarrow mov$] movimento de tamborilar com os dedos curvos

[$5 + mov$] movimento de tamborilar com os dedos estendidos

[$54 \sim G$] fechamento gradual de todos os dedos, exceto indicador

[$5 \sim \overset{\circ}{A}$] fechamento gradual de todos os dedos, exceto polegar

[$B \rightarrow B$] flexão da mão, com os dedos estendidos

[$V \rightarrow V$] dobramento e extensão repetidos dos indicador e dedo médio nas juntas do meio

[$V + mov$] movimento de tamborilar com os dedos

[$V. mov$] movimento de tesoura

[$As \rightarrow \overset{\circ}{A}$] extensão do polegar

[$As \rightarrow L$] polegar e indicador estendidos simultaneamente

[$B \rightarrow V$] fechamento súbito de todos os dedos exceto indicador e médio, que flexionam-se

[$As \rightarrow 3$] extensão simultânea do polegar, indicador e médio

[$As \rightarrow 3$] extensão simultânea de todos os dedos, exceto o polegar

[$As \rightarrow 5$] extensão simultânea de todos os dedos

[$\overset{\circ}{A} \rightarrow L$] extensão do indicador

[$\overset{\circ}{A} \rightarrow 3$] extensão simultânea do indicador e do médio

[$\overset{\circ}{A} \rightarrow 5$] extensão simultânea de todos os dedos, com o polegar já estendido

[$G1 \rightarrow X$] flexão repetida do indicador

[$As \rightarrow V$] extensão do indicador e do médio

[$As \rightarrow I$] extensão do mínimo




Expressão não manuais da LIBRAS


Rosto

Parte Superior



sobrancelhas franzidas

 olhos arregalados
 lance de olhos
 sobranceiras levantadas

Rosto
Parte Inferior
db bochechas infladas
bd bochechas contraídas
= lábios contraídos e projetados e sobranceiras franzidas
lb correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
b apenas a bochecha direita inflada
 contração do lábio superior
x franzir do nariz

Cabeça
+ balanceamento para frente e para trás (sim)
- balanceamento para os lados (não)
d inclinação para frente
i inclinação para o lado
h inclinação para trás

Rosto e Cabeça

wh

cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobranceiras franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando, por que?)

cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)

WO

Tronco

Movimentos de rotação

Movimentos de translação (as mãos se deslocam no espaço)

Retilíneos
Circulares
Contínuos
Com retensão
Fefreados
Tensos
Simples
Repetidos

1.2. Formação dos Ítems Lexicais ou Sinais a partir de Morfemas

Mostramos, no item anterior, como se estruturam as palavras das línguas Portuguesa e LIBRAS a partir de suas unidades mínimas distintivas ou “fonemas”. Vamos ilustrar agora como se formam as palavras da LIBRAS a partir de seus morfemas ou unidade mínimas de significação.

1.2.1. Morfemas Lexicais e Morfemas Gramaticais

Os morfemas são unidades que podem ter funções lexicais ou gramaticais. Por exemplo, as palavras casas, construção e impossível do português são constituídas dos seguinte morfemas:

<p> casa constru- possível- morfema lexical </p>	-	<p> s (plural) ção (nome) im (negação) morfema gramatical </p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Em LIBRAS, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos do português. Podemos, porém, ilustrar os morfemas da LIBRAS como se segue:

- SENTAR - movimento repetido (marca de nome)
- BONITO - expressão facial ~ (marca de grau aumentativo)
- BONITO - expressão facial Ô (marca de grau diminutivo)
- FALAR - 2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)
- PEGAR - Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes
- PEGAR - Cl:F Classificador para objetos pequenos e pequenos
- PODER - movimentos da cabeça (negação): NÃO-PODER
- POSSÍVEL - movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL
- SABER - movimento da mão para fora (negação): NÃO-SABER

morfema lexical

morfema gramatical

Vejamos algumas ilustrações dos sinais acima:



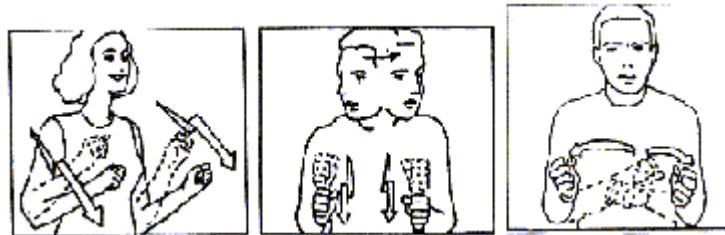
FALAR



FALAR SEM-PARAR
 FALAR PELOS COTOVELOS
 FALAR + aspecto continuativo



PEGAR + Cl: 5



PODER/POSSÍVEL NÃO-PODER IMPOSSÍVEL



SABER



NÃO-SABER

1. 2. 2. Formação de Palavras por Derivação e por Composição

As ilustrações acima são exemplos de formação de palavras por derivação. CADEIRA é derivado de SENTAR através do movimento repetido do primeiro; BONITINHO é derivado de BONITO através da adjunção da expressão facial ~~, marca de grau aumentativo; BONITÃO é derivado de BONITO através da adjunção do afixo expressão facial Ô, marca de grau diminutivo; FALAR-SEM-PARAR é derivado de FALAR através da adjunção da mão esquerda e do alongamento dos movimentos, marca de aspecto continuativo; PEGAR-BOLA é derivado de PEGAR através da adjunção do afixo Cl:5, classificador para objetos redondos grandes; PEGAR-AGULHA é derivado de PEGAR através da afixação do morfema gramatical Cl:F, classificador para objetos pequenos e pequenos; NÃO-PODER é derivado de PODER através do afixo negativo, movimentos da cabeça para os lados; IMPOSSÍVEL é derivado de POSSÍVEL através da inversão do movimento de para baixo para os lados, afixo também negativo; NÃO-SABER é derivado de SABER através da afixação de um movimento da mão para fora, morfema negativo também.

Através desses exemplos, pudemos observar que as primeiras palavras são formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais, pelo processo de derivação. As palavras ou sinais em LIBRAS também podem ser formadas pelo processo de composição, isto é, pela adjunção de dois sinais simples em formas compostas. Por exemplo:

CASA + CRUZ = IGREJA
 MULHER + PEQUENO = MENINA
 HOMEM + PEQUENO = MENINO

Alguns sinais como SENTAR e CADEIRA são distintos quanto à forma para as categorias verbo e nome, porém, a maioria deles não se distingue quanto às categorias verbo, nome, adjetivo e advérbio. O que vai defini-las como tal é sua função na sentença. Podemos, entretanto, ilustrar alguns casos de palavras que poderiam ser derivadas de outras como é o caso de construir e construção, em

português. Por exemplo, nas sentenças abaixo, identificamos um mesmo item lexical como nome ou verbo, dependendo da sentença em que aparecem:

ELE NÃO LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova)
(=Ele não limpou com escova o chão)
ELE LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova) NÃO-Y
(=Ele não fez a limpeza do chão com a escova)

No primeiro exemplo, o item lexical LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função verbal. Entretanto, na segunda sentença, LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função nominal, ou seja, é um substantivo porque vem acompanhado de um verbo leve, NÃO-Y, que devido à sua natureza de verbo sem valência não pode ser considerado um nome. Neste caso, como os verbos chamados leves sempre vêm acompanhados de um nome e como o único item capaz de preencher esta função nominal é o sinal LIMPAR-CHÃO-CI:Y, diremos que ele pode pertencer a ambas categorias:

LIMPAR-CHÃO-CI:Y - verbo
LIMPAR-CHÃO-CI:Y - nome

O mesmo ocorre com as demais categorias: adjetivo, advérbio.

1. 2. 3. Aspecto Verbal

A LIBRAS, assim como várias línguas de sinais e orais, modula o movimento dos sinais para distinguir entre os aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. O aspecto pontual se caracteriza por se referir a uma ação ou evento ocorrido e terminado em algum ponto bem definido no passado. Em português, quando dizemos “ele falou na televisão ontem”, sabemos que a ação de falar se deu no passado, em um período de tempo determinado “ontem”. Em LIBRAS, temos um sinal FALAR para um contexto lingüístico similar. Por exemplo, ELE FALAR VOCÊ ONTEM (=ele falou com você ontem). Entretanto, temos também o sinal FALAR-SEM-PARAR que se refere a uma ação que tem uma continuidade no tempo como no exemplo ELE FALAR-SEM-PARAR AULA (=ele falou sem parar durante a aula). Vejam estes dois sinais:



FALAR
(aspecto pontual)



FALAR-SEM-PARAR
(aspecto continuativo)

O mesmo ocorre com o verbo OLHAR que pode sofrer alteração em um ou mais de seus parâmetros e, então, denotar aspecto durativo. Os sinais ilustrados abaixo poderiam aparecer em contextos lingüísticos como os que se seguem:



OLHAR (pontual)
OLHAR VOCÊ ONTEM VOCÊ NÃO-ENXERGAR (pontual)



OLHAR (durativo)
ELE FICAR-OLHANDO-LONGAMENTE MAR (durativo)



OLHAR (durativo)
ELA PASSAR TODOS-OLHAR-CONTINUADAMENTE (durativo)

No segundo sinal para 'olhar', a configuração de mão e o ponto de articulação mudam de G1 para 5 e dos olhos para o nariz. Com isso temos a formação de uma outra palavra com valor aspectual durativo.

O verbo VIAJAR com valor aspectual pontual abaixo poderia ser utilizado em sentenças como PAULO VIAJAR BRASÍLIA ONTEM, enquanto que o sinal verbal com valor iterativo apareceria em sentenças do tipo PAULO VIAJAR- MUITAS-VEZES. O aspecto iterativo refere-se a ação ou evento que se dá repetidas vezes. Vejamos os sinais abaixo:



VIAJAR (pontual)



VIAJAR (iterativo)

Esse tipo de afixação que encontramos na LIBRAS, através da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo que seria considerado raiz ou radical, não é encontrado em português.

1. 2. 4. Itens Lexicais para Tempo e Marca de Tempo

A LIBRAS não tem em suas formas verbais a marca de tempo como o português. Como vimos, essas formas podem se modular para aspecto. Algumas delas também se flexionam para número e pessoa.

Dessa forma, quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais como ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM. Com isso, não há risco de ambigüidade porque sabe-se que se o que está sendo narrado iniciou-se com uma marca no passado, enquanto não aparecer outro item ou sinal para marcar outro tempo, tudo será interpretado como tendo ocorrido no passado.

Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vem seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: Movimento para trás, para o passado; Movimento para frente, para o futuro; e Movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo não requerendo, pois, uma marca isolada como é o caso dos sinais ONTEM e ANTEONTEM ilustrados a seguir:



ONTEM

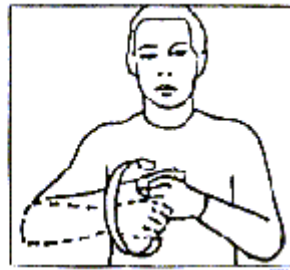


ANTEONTEM

Outros sinais como ANO requerem o acompanhamento de um sinal de futuro ou de presente, mas, quando se trata de passado, ele sofre uma alteração na direção do movimento de para frente para trás e, por si só já significa 'ano passado'. Os sinais de ANO e ANO-PASSADO podem ser observados nas ilustrações que se seguem:



ANO



ANO-PASSADO

É interessante notar, que uma linha do tempo constituída a partir das coordenadas: passado (atrás)- presente (no plano do corpo)- futuro (na frente), pode ser observada também em línguas orais como o português e o inglês como mencionado no início desse curso. Uma estruturação completamente diferente do tempo foi observada por nós na Língua de Sinais Urubu-Kapor, língua de sinais da comunidade indígena

Urubu habitante da Floresta Amazônica, onde o tempo futuro é para cima e o presente no torso do usuário dessa língua. O passado não parece ser marcado.

Isso levou-nos a considerar que as línguas Portuguesa e LIBRAS não são tão distintas assim naquilo que não depende de restrições decorrentes da modalidade visual-espacial, veiculando, assim, uma visão de mundo muito similar, pelo menos nos aspectos semânticos até o momento estudados por nós.

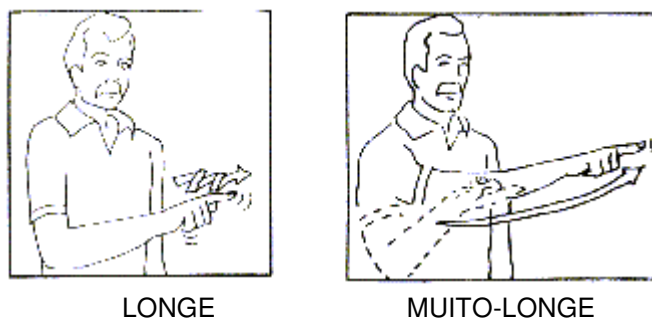
As diferenças que vimos apontando ultimamente na estruturação gramatical e lexical da LIBRAS e do português parecem não apontar tanto para diferenças culturais mas são sim devidas ao fato de a primeira usar o espaço e de a segunda utilizar o meio acústico, para estruturar os significados lexicais e gramaticais.

1. 2. 5. Quantificação e Intensidade

A quantificação é obtida em LIBRAS através do uso de quantificadores como MUITO, mas incorporar a quantificação, prescindindo, pois, o uso desse tipo de palavras. Assim, podemos observar nos exemplos com o verbo OLHAR acima que o olhar pontual é realizado com apenas um dedo estendido enquanto que os outros dois sinais são realizados com as mãos abertas, ou seja, com os dedos estendidos. Dessa forma, esse tipo de alteração do parâmetro Configuração de Mão iconicamente representa uma maior intensidade na ação (**FICAR-OLHANDO-LONGAMENTE**) ou um maior número de referentes sujeitos (**TODOS-FICAR-OLHANDO**). Essa mudança de configuração de mãos, aumentando-se o número de dedos estendidos para significar uma quantidade maior pode ser ilustrado pelos sinais UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES:



Às vezes, alongando-se o movimento dos sinais e imprimindo-se a ele um ritmo mais acelerado, obtém-se uma maior intensidade ou quantidade. Isto é o que ocorre com os sinais FALAR e FALAR-SEM-PARAR, exemplificados acima e com os sinais LONGE e MUITO-LONGE ilustrados abaixo:



Como se pode observar, os mecanismos espaciais utilizados pela LIBRAS para obter significados e efeitos de sentido distinguem-se daqueles utilizados pela Língua Portuguesa. Nesta, as formas ou marcas são muito mais arbitrárias e se apresentam

em forma de segmentos sequencialmente acrescentados ao item ou palavra modificada. Em LIBRAS, ocorre com muita frequência uma mudança interna, isto é, uma alteração no interior da própria palavra.

1. 2. 6. Classificadores

Como algumas línguas orais e como várias línguas de sinais, a LIBRAS possui classificadores, um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal.

Os classificadores em línguas orais como o japonês e o navajo são sufixos dos numerais e dos verbos, respectivamente.

Em LIBRAS, como dificilmente se pode falar em prefixo e em sufixo porque os morfemas ou outros componentes dos sinais se juntam ao radical simultaneamente, preferimos dizer que os classificadores são afixos incorporados ao radical verbal ou nominal. Assim, nos exemplos abaixo, pode-se observar o classificador V e V, que respectivamente, referem-se à maneira como uma pessoa anda e como um animal anda.



ANDAR (para pessoa)



ANDAR (para animal)

O classificador em ANDAR (para pessoa) pode ser utilizado também com outros significados como 'duas pessoas passeando' ou 'um casal de namorados' (no caso das pontas dos dedos estarem voltadas para cima), 'uma pessoa em pé' (pontas dos dedos para baixo), etc. Este classificador é representado pela configuração de mãos em V, como se segue:



Uma pessoa andando ou em pé



Duas pessoas andando, namorando ou passeando

O classificador C pode representar qualquer tipo de objeto cilíndrico profundo como um copo, uma caixa, uma urna como no exemplo abaixo do sinal VOTAR:



VOTAR



Classificador C

Outros classificadores podem ser os morfemas representados pelas configurações de mão B e Y como se segue:



Classificador B



Classificador Y

O classificador B refere-se e descreve superfícies planas como mesa, parede, chão, etc. enquanto que o classificador Y refere-se e descreve objetos multiformes ou com formas irregulares, porém não planos nem finos. O classificador G1 é que é utilizado para descrever objetos finos e longos.

Inúmeros são os classificadores em LIBRAS, sua natureza semântica e sua função. Entretanto, apenas mencionamos alguns a título de ilustração.

1. 2. 7. Incorporação de Argumento

As línguas orais e de sinais apresentam vários casos de incorporação de argumento ou complemento. Por exemplo, em português, podemos citar o verbo engavetar que, em uma análise sintático-semântica, poderia ser decomposto em um verbo básico do tipo colocar e em um complemento desse verbo que seria um locativo na gaveta. Assim, podemos dizer “eu coloquei os livros na gaveta” ou “eu engavetei os livros”. O constituinte na gaveta, um locativo, argumento ou complemento de colocar, foi incorporado a este verbo e em decorrência disso temos a outra forma verbal engavetar que prescinde do locativo como complemento porque já carrega esta informação em seu próprio item lexical. Temos, pois, uma forma lexical derivada de outra mais básica, porém, desta vez não pelo processo de derivação por afixação nem por composição, como discutido acima, mas sim pelo que se chama de incorporação de argumento.

Em LIBRAS, o processo de incorporação de argumento é muito frequente e visível devido às características espaciais e icônicas dos sinais. Os três verbos abaixo ilustram esse tipo de incorporação. O primeiro, o verbo BEBER/TOMAR pode ser usado sem incorporação em sentenças do tipo:

BEBER CERVEJA (= eu bebi cerveja)

Porém, se o objeto direto do verbo for, por exemplo, café ou chá, o verbo incorporará este argumento e teremos formas verbais diferentes, como demonstram as ilustrações a seguir:



BEBER, TOMAR

BEBER-CAFÉ

CHÁ (segurar x-tipo de objeto)
em LIBRAS (CI: B A e CI: F)

Outro exemplo de incorporação pode ser ilustrado pelo verbo ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE em que o verbo PAGAR que normalmente é articulado sobre a mão de apoio em B passa a ser articulado na mão de apoio (mão esquerda) em G1, a mesma do sinal MÊS. Assim, uma parte deste sinal incorpora-se ao sinal PAGAR, substituindo-a. Vejamos o sinal:



ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE

O mesmo processo de incorporação pode ser também observado no sinal que deriva do sinal verbal COMER, ao qual se incorpora o objeto direto MAÇÃ:



COMER



COMER-MAÇÃ

2. Estruturação de Sentenças em LIBRAS

Costuma-se pensar que as sentenças da LIBRAS são completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português. Realmente, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que a LIBRAS é uma língua do tipo tópico-comentário.

Nas sentenças do português, a ordem predominante é: sujeito (S)-verbo(V)-objeto (O), normalmente chamada de SVO. Assim, as sentenças se estruturam da seguinte maneira:

O leão	matou	o urso.
S	V	O
<i>sujeito</i>	<i>predicado</i>	

Todos os meninos	gostam	de futebol
S	V	O
<i>sujeito</i>	<i>predicado</i>	

Nestas sentenças, além da concordância sujeito-predicado que determina quem faz o que no evento descrito pelo verbo da sentença, a ordem também é significativa porque senão não saberíamos qual é o sujeito da primeira sentença “o leão matou o urso” porque tanto o constituinte “o leão” quanto o constituinte “o urso” podem concordar com o verbo. Então, se alterássemos a ordem dos constituintes acima “o urso matou o leão”, o sujeito deixaria de ser “o leão” para ser “o urso”. Além do mais, há o aspecto semântico dos constituintes e do verbo que permite que tanto um quanto outro constituinte seja o sujeito de “matar”, isto é, aquele que mata.

Este não é o caso da segunda sentença onde o significado dos constituintes “todos os meninos” e “futebol” não dá margem às duas possibilidades acima. Além do mais, a concordância sujeito-predicado nesta segunda sentença fica ressaltada pelo fato de incluírem a marca de plural enquanto que o segundo constituinte “futebol” está no singular. Neste caso, a ordem é menos relevante para se saber a função gramatical e o papel semântico dos dois constituintes.

Entretanto, a primeira sentença poderia ter o seu último constituinte deslocado para a frente da sentença através de operações como por exemplo a topicalização:

O urso,	o leão matou	ou	Ao urso	o leão matou
<i>tópico</i>	<i>comentário</i>		<i>tópico</i>	<i>comentário</i>

Note-se, porém, que nos dois casos houve necessidade de apelo a mecanismos inusuais do tipo entoação e uso da preposição “a”. Nestes casos, “o urso” continua sendo o objeto direto de “matar” e “o leão”, o seu sujeito, apesar de termos a topicalização do objeto, isto é, apesar do objeto direto ser o tópico da sentença e o sujeito e o verbo serem o comentário do tópico.

A topicalização é relativamente frequente em português, principalmente, na fala coloquial. Entretanto, em LIBRAS, a frequência é maior, diríamos até que é regra geral.

Em estudos anteriores, dissemos que a ordem preferencial das sentenças da LIBRAS era SVO quando não havia topicalização ou verbos com flexão ou direcionais. Porém, estudos mais aprofundados, apesar de não desmentirem o que dissemos, mostraram que a topicalização é muito mais frequente do que se pensa à primeira

Note-se, porém, que nos exemplos acima, mesmo seguindo a estrutura tópico-comentário, a ordem dos constituintes acaba sendo (Locativo) - Objeto - Sujeito-Verbo. Mesmo com topicalização, parece que temos quase que sempre, pelo menos, tópico-SV (tópico-sujeito-verbo). Na última sentença, o sujeito é uma terceira pessoa, porém, é um argumento implícito porque o enunciador pressupõe que o interlocutor saiba identificar o referente pelo contexto situacional. A título de ilustração, vejamos o verbo EMPRESTAR, variante de São Paulo, e algumas de suas flexões:



1EMPRESTAR2 2EMPRESTAR1 2EMPRESTAR3
 EU-EMPRESTAR-VOCÊ VOCÊ-EMPRESTAR-EU VOCÊ-EMPRESTAR-ELA
 eu emprestei para você você emprestou para mim você emprestou para ela

Alguns raros verbos com flexão trazem as marcas de sujeito e objeto de forma inversa, isto é, o objeto é marcado primeiro no ponto de origem do movimento do sinal verbal e o sujeito é marcado pelo ponto final do movimento do sinal verbal. Vejamos o verbo CONVIDAR:



2ª CONVIDAR 1ª 1ª CONVIDAR 2ª 3ª CONVIDAR 2ª
 você-convidado-eu eu-convidado-você e le-convidado-você
 (você está sendo con- (eu estou sendo con- (ele está sendo con-
 dado por mim) vidado por você) vidado por você)
 ou
 (eu o convido) (você me convida) (você o convida)

Vimos que a estruturação das sentenças em LIBRAS quanto à ordem dos argumentos (complementos inclusive sujeito) é diferente daquela do português e que inclusive as marcas de flexão são bastante específicas da modalidade visual-espacial de língua porque se apoiam na direcionalidade do movimento do sinal.

Entretanto, vamos enfatizar aqui um nível estrutural das sentenças em ambas as línguas em que as semelhanças são bem maiores do que as especificidades. Trata-se da estrutura argumental das sentenças. Desse ponto de vista, toda sentença tem um núcleo que é o elemento que possui valência. Em geral, o verbo é que possui valência e, como tal, é ele que determina o número e tipos de argumentos ou complementos necessários. Dentro desta concepção, inclusive o sujeito é considerado um argumento. Assim diremos que um verbo como “enviar”, em português, e ENVIAR, em LIBRAS, são verbos com a mesma valência porque os dois pedem três argumentos ou complementos:

Paulo **enviou** o livro ao amigo
LIVRO AMIGO P-A-U-L-O **ENVIAR** (o livro ao amigo o Paulo enviou)

Nos dois exemplos, o primeiro em português e o segundo em LIBRAS, independentemente da ordem, pode-se observar que as sentenças são constituídas de um núcleo e de três argumentos ou complementos:

enviar - núcleo ou palavra com valência

Paulo - argumento 1, aquele que envia, papel semântico 'fonte', função gramatical 'sujeito'.

amigo - argumento 2, aquele para quem se envia, papel semântico 'alvo', função gramatical 'objeto indireto'

livro - argumento 3, aquilo que é enviado, papel semântico 'tema', função gramatical 'objeto direto'.

Esse tipo de análise das sentenças da LIBRAS e do português mostra como a estrutura sintático-semântica pode ser a mesma.

Alguns verbos, entretanto, não possuem valência como os verbos levar, dar e fazer do português e o verbo NÃO-Y da LIBRAS. Neste caso, teremos uma diferença considerável, devido à não correspondência sintático-semântica nas duas línguas. São os chamados verbos leves que podem ser ilustrados pelos exemplos abaixo:

Ele levou a cabo seus estudos

João deu uma surra no menino

Nós fizemos compras ontem

LIMPAR-CHÃO-ESCOVA NÃO-Y (a limpeza do chão com a escova, ele não fez)

Nesses exemplos, o elemento com valência é o nome que acompanha o verbo nos exemplos do português e o nome que antecede o verbo no exemplo da LIBRAS. Este nome é que é o núcleo da estrutura argumental da sentença porque é ele que possui valência. O verbo carrega apenas as marcas gramaticais. É o nome que veicula o significado lexical do complexo verbal. Por isso, apesar de se assemelhar a um objeto direto, o nome com valência não pode receber papel temático (semântico) o que torna esse tipo de sentença mais complexo para analisar.

Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas

RONICE MÜLLER QUADROS

*Mestre em Lingüística
Doutoranda em Lingüística Aplicada
PUC/RS; interprete de LIBRAS*

Todas as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o input lingüístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas crianças representam apenas de 5% a 10% das crianças surdas. No Brasil, os estudos envolvem crianças surdas filhas de pais surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam. Assim como as línguas faladas, as línguas de sinais não são universais: cada país apresenta a sua própria língua. No caso do Brasil, como já foi citado, tem-se a LIBRAS e, além dessa, tem-se também a língua de sinais usada por uma tribo indígena brasileira chamada Urubu Kaapor, citada por Kakumasu (1968) e Ferreira Brito (1993).

As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. A diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos específicos diferentes dos utilizados nas línguas orais. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais e não são universais.

As línguas de sinais, dentre elas a LIBRAS, parecem apresentar especial interesse nas pesquisas lingüísticas dentro da perspectiva gerativista. A razão de tal interesse está relacionada à possibilidade de determinar os princípios da UG independentemente da modalidade da língua. Se isso for possível, as línguas de sinais podem ser exemplos de línguas que fortalecem a proposta gerativista quanto à existência de um módulo da linguagem na mente/cérebro do ser humano.

Quanto aos aspectos estruturais das línguas de sinais, há dois aspectos fundamentais: (a) o estabelecimento nominal e a pronominalização e (b) a concordância verbal. Os sujeitos e objetos podem ser estabelecidos em um ponto no espaço de sinalização (*loc*); quando isso ocorre, há um estabelecimento nominal e a pronominalização. Esse estabelecimento é completamente espacial e é fundamental para a concordância verbal, principalmente com referentes não presentes.

Considerando que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas, as seções seguintes estão subdivididas nos estágios de aquisição adotados nos estudos sobre a aquisição da linguagem. O estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal serão enfatizados tendo em vista que tais tópicos são fundamentais para o estabelecimento de relações gramaticais (espaciais).

Período Pré - Lingüístico

Petitto & Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Elas verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos assim como ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais. Nos dados analisados por Petitto & Marantette foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática desse período. Também foram observadas todas as produções manuais tanto dos bebês surdos como dos bebês ouvintes para verificar a existência ou não de alguma organização sistemática.

Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.

Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. É por isso que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade lingüística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

Estágio de um Sinal

O estágio de um sinal inicia por volta dos 12 meses da criança surda e percorre um período até por volta dos 2 anos. Karnopp (1994) cita estudos que apontam o início do estágio de um sinal por volta dos 6 meses em bebês surdos filhos de pais surdos adquirindo língua de sinais. Por outro lado, sabe-se que os estudos de crianças adquirindo línguas orais iniciam esse período por volta dos 12 meses. Lillo-Martin (1986) observa que as razões apontadas por esses estudos para explicar tal diferença cronológica baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal). Entretanto, Petitto (1987) argumenta que a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses, analisando essa produção gestual como parte do balbucio, período pré-lingüístico. As primeiras produções na Língua de Sinais Americana - ASL incluem as formas chamadas congeladas da produção adulta. São sinais que não são flexionáveis, tipo MOTHER na ASL. Quando um sinal apresenta flexões no padrão adulto, a criança usa formas morfofonêmicas.

Petitto & Bellugi (1988) observaram que as crianças surdas com menos de 2 anos não fazem uso dos dispositivos indicativos da ASL. Os dispositivos indicativos envolvem o sistema pronominal das línguas de sinais. As crianças omitiam essas indicações até quando imitavam seus pais. Petitto (1987) e Bellugi & Klima (1989) analisaram a descontinuidade no uso da indicação (apontação) nas crianças surdas.

As crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam frequentemente para indicar objetos e pessoas. Mas quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-lingüística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (lingüístico).

Estágios das Primeiras Combinações

Surgem as primeiras combinações de sinais por volta dos 2 anos das crianças surdas. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV, VO ou, ainda, num período subsequente, SVO. Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Meier (1980) observou que, assim como o Japonês e o Croata, nem todos os verbos da ASL podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma sentença. Há alguns tipos de verbos que apresentam limitações lexicais e fonológicas para incorporar os pronomes como, por exemplo, os verbos **ancorados no corpo**, como GOSTAR e PENSAR na LIBRAS. Isso sugere que as crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras. A incorporação dos indicadores envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal.

No estágio em discussão, as crianças começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsistente. Os estudos realizados por Bellugi & Klima (1979) detectaram que o padrão de aquisição das crianças surdas é bastante próximo ao das crianças ouvintes. Eles, a princípio, consideravam que seria mais fácil para as crianças surdas a aquisição do sistema pronominal. Os resultados foram surpreendentes. Os pronomes EU e TU na ASL são identificados através da indicação propriamente dita, a si mesmo e ao outro, respectivamente. Parece óbvio que uma criança aprendesse essa regra rapidamente e a usasse sem cometer erros. Mas o que acontece é, na verdade, diferente.

Assim como na aquisição do Inglês por crianças ouvintes, a aquisição na ASL desses pronomes apresenta as mesmas características conforme mencionam os estudos de Petitto (1986, 1987). Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. A princípio, causa uma certa surpresa constatar esse tipo de erro nas crianças surdas devido à **aparente** transparência entre a forma de apontação e o seu significado. Esse tipo de erro e a evitação do uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem.

Petitto descarta a hipótese de mudança de perspectiva, pois, no caso das línguas de sinais, se essa hipótese fosse verdadeira, as crianças deveriam apresentar erros na perspectiva de todos os sinais. Para Petitto, a criança usa o sinal 'YOU' como um item **congelado**, não dêitico, não recíproco e que refere somente a ela.

Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do

sistema lingüístico da ASL. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções lingüísticas que apresenta. Se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.

Esse estudo nos revela evidências da descontinuidade da transição dos fatores pré-lingüísticos aos lingüísticos. Petitto afirma que aspectos da estrutura lingüística e da sua aquisição, parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A idéia de que a gesticulação pode funcionar lingüisticamente é tão forte, que anula a transparência indicativa da apontação.

As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas, sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade.

Hoffmeister (1978) observou que a apontação envolve o sistema pronominal, o sistema dos determinadores e modificadores, o sistema de pluralização e a modulação do sistema verbal. No estágio das primeiras combinações, Hoffmeister observou que os objetos são nomeados e referidos somente em situações do contexto imediato.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou algumas combinações de sinais, normalmente envolvendo dois a três sinais. F omitiu o sujeito de referentes presentes somente quando esse era óbvio (presente no contexto do discurso), mas normalmente pronunciou o sujeito. Não foi observada a omissão do objeto nesse período. Certamente a razão de terem aparecido sujeitos, mas não objetos nulos, está relacionada ao uso sintático do espaço que ainda não é observado, nesse período, de forma consistente. Deve-se ressaltar que F não estabeleceu a terceira pessoa em (1b) em um ponto do espaço. Tal referência foi interpretada como terceira pessoa mediante o contexto e não mediante a utilização de recursos sintáticos. Nos dois casos o verbo não foi flexionado; portanto, pode-se sugerir que F usa apenas formas **congeladas**, pois IR é um verbo com concordância na LIBRAS e F usou-o sem flexioná-lo.

(1) F (2:4)

a. AULA _iIR.
'(Eu) vou à aula'.

b. TRÊS _kBRINCAR AQUI.
'(Eles) três brincam aqui'.

Exemplos como os ilustrados em (2) mostram que F já usa o sistema pronominal com referentes presentes de forma adequada.

(2)

a. EU _iSAIR. TCHAU!
'Eu estou saindo. Tchau!'

b. ELE_k OLHAR ELE_k'.
'Elei olhou para ele_j'.

4. Estágio de Múltiplas Combinações

Em torno dos 2 anos e meio a 3 anos, as crianças surdas apresentam a chamada **explosão do vocabulário**. Lillo-Martin (1986) cita que nesse período começam a ocorrer distinções derivacionais (por exemplo, a diferenciação entre CADEIRA e SENTAR). As crianças começam a usar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é totalmente adquirido por volta dos 5 anos.

Segundo Bellugi & Klima (1989), a criança surda ainda não usa os pronomes identificados espacialmente para referir-se às pessoas e aos objetos que não estejam fisicamente presentes. Ela usa substantivos não associados com pontos no espaço. Mesmo quando a criança apresenta algumas tentativas de identificação de pontos no espaço, ela apresenta falhas de correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Com referentes presentes no discurso já há o uso consistente do sistema pronominal e inclusive indicações espaciais (indicações ostensivas).

Dos 3 anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não presentes no contexto do discurso, mas ainda apresentam erros. Algumas crianças **empilham** os referentes não presentes em um único ponto do espaço. Petitto & Bellugi (1988) observaram que, de 3 anos a 3 anos e meio, as crianças usam a concordância verbal com referentes presentes. Entretanto, elas flexionam alguns verbos cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais. Bellugi & Klima (1990) identificam essa flexão generalizada dos verbos nesse período como **supergeneralizações**, considerando esse fenômeno análogo a generalizações verbais como 'fazi', 'gosti' e 'sabo' nas línguas orais. Meier (1980) detectou esse uso supergeneralizado observando que, nesse período, as crianças usam os verbos como pertencentes a uma única classe verbal na ASL, a classe dos verbos com concordância, chamada por ele de verbos direcionais (figura 19).

A figura 1 ilustra três supergeneralizações feitas pela criança. A primeira, com o verbo SPELL, a segunda, com o verbo LIKE e a última, com o verbo LIKE; em todos os exemplos foi ilustrada a forma usada pela criança e a forma usada pela mãe. Esses três verbos pertencem à classe dos não flexionados na ASL. A criança direcionou os verbos incorporando o objeto das sentenças.

Segundo Bellugi, Lillo-Martin, O'Grady & vanHoek (1990), por volta dos 4 anos a concordância verbal ainda não é utilizada corretamente. Quando as crianças deixam de empilhar os referentes em um único ponto, elas estabelecem mais de um ponto no espaço mas de forma inconsistente, pois não estabelecem associações entre o local e a referência, dificultando a concordância verbal. É entre 5 e 6 anos que as crianças utilizam os verbos flexionados de forma adequada.

FIGURA 1: Supergeneralizações na ASL



*SPELL[X: 'to me']/SPELL

*SAY[X: 'to you']/SAY



*LIKE[X: 'to it']/LIKE

(Bellugi, vanHoek, Lillo-Martin & O'Grady, 1990:139)

Observe que nos dois exemplos a criança está flexionando os verbos que não apresentam essa possibilidade na ASL, sendo indicada a agramaticalidade através do asterisco. As formas usadas pela mãe são consideradas gramaticais. Exemplos como esses podem ser observados na aquisição da LIBRAS.

Loew (1980) analisou o desenvolvimento da referência em crianças surdas filhas de pais surdos entre 3:1 a 4:6 de idade. A autora apresenta uma síntese da qual foram selecionados os itens sobre indexação (uso pronominal da apontação e a concordância verbal) e a estruturação espacial (envolve o estabelecimento de *loc*) que são apresentados no quadro 1.

Lillo-Martin (1986) discute alguns efeitos da modalidade espacial no processo de aquisição. Questiona-se a iconicidade das línguas de sinais. De fato, alguns sinais e processos na ASL têm motivação icônica, apresentando alguma relação entre forma e significado, entre o referente e o referenciado. Lillo-Martin, ao considerar essa discussão, analisa a seguinte questão: a modalidade de alguma forma facilita a aquisição da linguagem? Os estudos indicam que, apesar de haver uma **aparente** iconicidade nas línguas de sinais, a aquisição do sistema pronominal e a concordância verbal são considerados de aquisição tardia, o que é ilustrado pelos estudos mencionados até o presente momento. Lillo-Martin cita a conclusão de Meier (1981), o qual diz que a modalidade não facilita a aquisição do sistema da concordância verbal. Assim, considerando o input natural que as crianças surdas analisadas nessas pesquisas apresentam, a aquisição da ASL parece seguir um curso lingüisticamente similar ao desenvolvimento das línguas orais.

QUADRO I: Aquisição da indexação e da estruturação espacial na ASL

PERÍODOS	I (3:1-3:4)	II (3:6-3:11)	III (4:0-4:4)	IV (4:6-4:9)
Indexação	- infreqüente; uso incorreto das formas de citação; não há evidências de identidade dos <i>loc</i> . Uso da concordância verbal com referentes presentes.	- pouca consistência no uso da indexação; às vezes um <i>loc</i> é usado para referência de um único referente durante o discurso.	- uso de múltiplos <i>loc</i> ; há o uso da concordância verbal, mas evidenciam-se inconsistências com os <i>loc</i> estabelecidos.	- uso normalmente freqüente e consistente. Os <i>loc</i> apresentam identidade, embora ainda ocorram confusões ao usá-los.
Estruturação espacial	- estabelecimento de locais não é claro; não há evidências de organização espacial; a indexação não é usada com <i>loc</i> .	- estabelecimento ocasional de locais; não há evidências de organização espacial. Os <i>loc</i> são estabelecidos para contrastar, mas não	- estabelecimento de locais mais freqüentes, mas ainda com função contrastiva.	- estabelecimento freqüente de locais; uso do <i>loc</i> de forma mais consistente com a indexação.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou que por volta dos 3 anos e meio ocorre o uso de concordância verbal com referentes presentes assim como ilustrado em (3). Com referentes não presentes, houve algumas ocorrências mas de forma inconsistente, pois o estabelecimento e a identidade do *loc* não foram identificados de forma substancial, conforme é observado nos exemplos em (4).

(3) L (3:03)

a. _kPEGAR_k.

'(Ele_i) pegou (ele_j)'.

b. _iCONsertAR_k, _kQUEBRAR.

'(Eu) estou consertando (ele_i), (ele_i) quebrou'.

c. _kTOMAR-BANHO _kFICAR.

'(Ele_k) continua tomando banho'.

(4) L (3:03)

a. CARRO _kIR_k, CASA_k.

'(Ele_k) foi de carro para casa'.

M (3:05)

b. _kDAR_i, PAPA_i_k _kDAR_i.

'(Ele_k) deu (para mim), o papai (ele_k) deu (para mim)'.

Em (3) os *loc^k* e *loc^{k'}* foram estabelecidos em locais reais, isto é, o local em que estavam os referentes no contexto do discurso foi usado para indicar os referentes sem utilizar a indicação ostensiva. Dessa forma, observou-se que o uso da concordância verbal está presente, omitindo-se o sujeito e/ou objeto da sentença. Em (3a) tanto o sujeito como o objeto são nulos.

Em (4a), o sujeito nulo não é identificado. Nesse tipo de exemplo, a identidade pode ser recuperada contextualmente. Talvez L estivesse se referindo a sua professora, mas não se pode afirmar isso, pois o *loc* não foi previamente estabelecido, confundindo a identificação do referente. Em (b) a identidade do *loc* como 'papai' fica óbvia somente porque M a pronunciou após sua ocorrência; e a identidade do *loc* de primeira pessoa é adequadamente identificada, pois envolve o local real de M, a primeira pessoa do discurso, um referente presente. Os exemplos ilustrados em (3) e (4) foram coletados em conversas espontâneas das crianças.

Por volta dos 5 anos e meio a 6 anos e meio, a concordância verbal é usada de forma consistente pelas crianças adquirindo a LIBRAS. O uso de sujeitos e objetos nulos torna-se comum nesse período. Também observam-se alguns exemplos com verbos da classe dos verbos com concordância com sujeitos pronunciados. Isso foi observado quando as crianças queriam tornar mais clara a identificação da identidade do *loc*, assim como ocorre na linguagem adulta. Foram selecionados alguns exemplos em (5) que ilustram o pronome pronunciado e a sua omissão durante o discurso.

(5) G (5:11)

a. EU_i ANDAR-EM-DIREÇÃO-AO-CARRO-E-O-CARRO-NA-MINHA-DIREÇÃO.
BATER_k CARRO_k QUASE. Eu_i PARAR, _iTRAVAR QUASE BATER_k.

'Eu andei em direção ao carro e o carro na minha direção. (Eu) quase bati no carro. Eu parei, (eu) travei, (eu) quase bati (nele).'

b. ELE_k, _k,PESCAR_k,, PEIXE_k,, _k,PESCAR_k,, MAIS DOIS. _k,PESCAR_k,, MUITOS.

'Ele_i pescou um peixe. (Ele_i) pescou mais dois (deles_j). (Ele_i) pescou muitos (deles_j)'.

Em (5a) a sentença foi retirada de uma conversa espontânea em que era relatado um fato já ocorrido. Observou-se o estabelecimento do *loc* abstrato para 'carro', pois 'carro' é um referente não presente no discurso. O exemplo (5b) foi retirado de um relato de uma das histórias. A criança recontava a história sem o auxílio do livro para referir-se utilizando as figuras como referentes presentes; assim, foram estabelecidos *loc* para 'o menino' e para 'os peixes', *k*' e *k*"', respectivamente. A criança introduziu esses *loc* primeiro com os nominais e depois utilizou os *loc* *k*' e *k*"' na concordância verbal. Nesse exemplo o uso do recurso de omitir sujeitos e objetos foi empregado de forma consistente e adequada.

No relato de histórias, usualmente as crianças usam as figuras como locais reais dos referentes; isso também é observado nas narrações dos adultos, conforme mencionado anteriormente.

O estabelecimento de *loc* com referentes não presentes no relato das histórias só foi observado no último período. Foi solicitado a G que recontasse a história sem olhar o livro. Observou-se que houve o estabelecimento abstrato de *loc* de forma bastante consistente. Em (6a) apresenta-se uma sentença em que G utilizou os *loc* com os referentes presentes. Em (6b) há uma sentença em que G utiliza *loc* estabelecidos com referentes ausentes do contexto do discurso. As duas sentenças produzidas referem-se à mesma história.

(6) G (5:11)

a. RATO_k PEQUENO _kPEGAR_k,. ELA BRABA _kPEGAR_{k,k},. ELES_{k,k}, MEDO.

'O rato_i pequeno (ele_i) pegou (ele_j). Ela ficou braba pois (ele_i) pegou (eles_j). Eles_j têm medo'.

b. GATO_k, MEDO RATO_k. RATO_k PEGAR_k,. RATO PEGAR DOIS GATO_k,,

CACHORRO_k,. RATO PEGAR_{k,k},. _{k,k},FUGIR. MENINA OLHAR_{k,k},,

SURPRESA RATO PEQUENO.

'O gato tem medo do rato. O rato pega (ele_j'). O rato pega os dois: o gato e o cachorro. O rato pega (eles_j). Eles fogem. A menina olha (para eles_j) e fica surpresa porque o rato é pequeno'.

Observa-se em (6) que, quando se trata de referentes ausentes do discurso, há uma necessidade bem maior de definir claramente esses referentes no espaço para que não haja problemas na identificação dos *loc*. Essa necessidade é devidamente

observada por G. G introduziu os *loc* de forma adequada, não deixando dúvidas na identificação dos *loc*, e omitiu os sujeitos e objetos quando esses podiam ser adequadamente recuperados pelo receptor.

5. Algumas Conclusões

Bellugi & Petitto (1988) ao analisar as descobertas na aquisição da linguagem, concluíram que o conhecimento do uso lingüístico do espaço em ASL que uma criança deve ter, necessariamente, inclui a informação quanto as diferenças generalizadas do local de sinalização; o estabelecimento explícito dos nominais em pontos espaciais diferentes; a identificação do local espacial de forma consciente; e, a utilização do local espacial em frases e no discurso de maneira contrastante. As crianças parecem adquirir esse conhecimento por volta dos sete anos, quando atingem a maturidade sobre o sistema referencial da sintaxe.

Elas finalizam a análise afirmando que os dados sugerem que a criança surda de nascença, com acesso a uma língua espaço-visual proporcionada por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência . Além disso, os dados apresentados sugerem que os fundamentos da linguagem não estão baseados na forma do sinal, mas sim, na função lingüística que a serve.

Todos os estudos mencionados sobre a aquisição da língua de sinais por crianças surdas concluíram que esse processo ocorre em período análogo à aquisição de crianças ouvintes.

Bellugi et alli (1990) apresentam algumas pesquisas que contribuem para educação de surdos e para compreensão do desenvolvimento da linguagem. Um deles foi feito com crianças surdas filhas de pais ouvintes, cujo o único meio de comunicação disponível era o Inglês Sinalizado (sistema artificial que usa sinais da ASL na ordem do Inglês, sistema equivalente ao Português Sinalizado no Brasil). Esse estudo investigou o uso do espaço pela criança. Foi verificado que as crianças, individualmente, transformavam os conhecimentos que tinham do Inglês Sinalizado quando elas sinalizavam entre si mesmas, tornando essa sinalização mais especializada. Essa descoberta indica que a modalidade da língua apresenta efeitos na forma da língua. Outro estudo realizado com surdos adultos que adquiriram a língua de sinais em diferentes fases da vida, uns filhos de pais ouvintes, outros filhos de pais surdos apresentou resultados que sugerem que, realmente existe um período adequado para o aprendizado da língua. Ou seja, a aquisição da linguagem é muito melhor quando realizada o mais precocemente possível.

Considerando o estudo de Quadros (1995) com crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores da LIBRAS, pode-se sugerir que os dados analisados na ASL em relação a sintaxe espacial apresentam uma analogia com os dados analisados na LIBRAS. Diante disso, sugere-se que o processo de aquisição desses aspectos observados envolva aspectos universais.

Vale mencionar o trabalho apresentado por Rodrigues (1993). O autor apresenta uma reflexão sobre a língua de sinais e sua aquisição por crianças surdas. Ele faz sua análise de um ponto de vista biológico e chega as seguintes conclusões:

a) se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais (conforme vem sendo demonstrado através de pesquisas), então as línguas de sinais são línguas naturais;

b) se as línguas de sinais são línguas naturais, então seu aprendizado tem período crítico (período ideal para a aquisição da linguagem, após esse período a aquisição é deficiente e, dependendo do caso, impossível);

c) se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde o seu aprendizado; e

d) se a natureza compensa parcialmente a falta de audição, aumentando a capacidade visual dos surdos (conforme pesquisas realizadas há uma competição entre os estímulos acústicos e visuais), então está sendo ignorada a maior habilidade dos surdos quando lhes é imposta uma língua oral, ao invés da língua de sinais.

Introdução à Gramática da LIBRAS

TANYA A. FELIPE

Professora Titular da UPE

Coordenadora do grupo de pesquisa da FENEIS

1. O Universal nas Línguas

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, estórias, teatro e humor.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta à mudanças culturais e tecnológicas.

As línguas de sinais não são universal, cada língua de sinais tem sua própria estrutura gramatical Assim, como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “Culturas Surdas”, possuem suas próprias línguas, existindo portanto muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena, Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Portuguesa, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chinesa, Uruguiaia, Russa, Urubus-Kaapor, citando apenas algumas. Estas línguas são diferentes uma das outras e independem das línguas orais-auditivas utilizadas nesses e em outros países, por exemplo: o Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o português, mas as línguas de sinais destes países são diferentes, o mesmo acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra, entre outros. Também pode acontecer que uma mesma língua de sinais seja utilizada por dois países, como é o caso da língua de sinais americana que é usada pelos surdos dos Estados Unidos e do Canadá.

Embora, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se mais rapidamente uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver e aproveitar gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos as expressões faciais e corporais das pessoas.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de sinais utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, mas além dela, há registros de uma outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Urubus-Kaapor na Floresta Amazônica.

A LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.

Embora com as diferenças peculiares a cada língua, todas as línguas possuem algumas semelhanças que a identificam como língua e não linguagem como, por

exemplo, a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos macacos, enfim, a comunicação dos animais.

Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático.

No nível fonológico, as línguas são formadas de fonemas. Os fonemas só têm valor contrastivo, não têm significado mas, a partir das regras de cada língua, se combinam para formar os morfemas e estes as palavras.

Na língua portuguesa, os fonemas | m | l | n | l | s | l | a | l | e | l | i | l podem se combinar e formar a palavra | meninas |.

No nível morfológico, esta palavra é formada pelos morfemas {menin-} {-a} {-s}. Diferentemente dos fonemas, cada um destes morfemas tem um significado: {menin-} é o radical desta palavra e significa “criança”, o morfema {-a} significa “gênero feminino” e o morfema {-s} significa “plural”.

No nível sintático, esta palavra pode se combinar com outras para formar a frase, que precisa ter um sentido em coerência com o significado das palavras em um contexto, o que corresponde aos níveis semântico (significado) e pragmático (sentido no contexto: onde está sendo usada) respectivamente.

Outra semelhança entre as línguas é que os usuários de qualquer língua podem expressar seus pensamentos diferentemente por isso uma pessoa que fala uma determinada língua a utiliza de acordo com o contexto: o modo de se falar com um amigo não é igual ao de se falar com uma pessoa estranha. Isso é o que se chama de registro. Quando se aprende uma língua está aprendendo também a utilizá-la a partir do contexto.

Outra semelhança também é que todas as línguas possuem diferenças quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao sexo. O ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão.

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, sócio-culturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima.

2. O Sinal e seus Parâmetros

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais.

O sinal é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros:

1. configuração das mãos: são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os

destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão;

2. ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa;

3. movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Os sinais citados acima tem movimento, com exceção de PENSAR que, como os sinais AJOELHAR, EM-PÉ, não tem movimento;

4. orientação: os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO; IR e VIR;

5. Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração tem como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha como LADRÃO, ATO-SEXUAL.

Na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos que formam as palavras e estas formam as frases em um contexto.

Para conversar, em qualquer língua, não basta conhecer as palavras, é preciso aprender as regras de combinação destas palavras em frases.

3. Sistema de Transcrição para a LIBRAS

As línguas de sinais tem características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;

2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;

3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos:

J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo , passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O*, *QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc;

6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: ^{interrogativa} ou ... i ... ^{negativa} ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: ^{muito rapidamente exp.f "espantado"} etc;

interrogativa exclamativo muito
 Exemplos: NOME ADMIRAR LONGE

8. os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito. Exemplos:

ANDAR, ANDAR,
pessoa veículo
coisa-arredondada COLOCAR, etc;

9. os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,
 j = ponto próximo à 2a pessoa,
 e k' = pontos próximos à 3a pessoas,
 e = esquerda,
 d = direita;

b) as pessoas gramaticais: _{1s, 2s, 3s} = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular;
_{1d, 2d, 3d} = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do dual;
_{1p, 2p, 3p} = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural;

Exemplos: _{1s} DAR_{2s} "eu dou para "você",
{2s} PERGUNTAR{3p} "você pergunta para eles/elas",
k ANDAR{k,e} "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direto acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) PESSOA@-MUIT@ANDAR (me)
 IGUAL (me) PESSOAEM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)

Os Processos de Formação de Palavras na LIBRAS

Os livros sobre as gramáticas das línguas geralmente trazem uma parte sobre os processos de formação de palavras.

Na LIBRAS, os sinais são formados a partir da: configuração de mãos, movimento, orientação e ponto de articulação, estes parâmetros já foram mencionados na Introdução deste livro.

Estes quatro parâmetros podem ser comparados a “pedacinhos” de um sinal porque às vezes eles têm significados e, através de alterações em suas combinações, eles formam os sinais. Portanto:

a) **a configuração de mãos**, pode ser um marcador de gênero (animado: pessoa e animais / inanimado: coisas). Exemplo:

PESSOA CL:G_k CARRO CL5_k, K^{VEÍ}CULO COLIDIR_k
“O carro bateu em uma pessoa”;

b) **o ponto de articulação** pode ser uma marca de concordância verbal com o advérbio de lugar. Exemplo:

MESA_i COPO objeto-arredondado-COLOCAR_i
“eu coloco o copo na mesa”;

c) o movimento pode ser uma raiz. Exemplos:

IR, VIR, BRINCAR.

A alteração na frequência do movimento, pode ser uma marca de aspecto temporal: TRABALHAR-CONTINUAMENTE; de modo: FALAR-DEMASIADAMENTE, ou um intensificador: TRABALHAR-MUITO;

d) a orientação pode ser uma concordância número-pessoal. Exemplos:

{1s}PERGUNTAR{2s} “eu pergunto a você”
{2s}PERGUNTAR{1s} “você me pergunta”;
ou um advérbio de tempo. Exemplos: ANO e ANO-PASSADO.

Fazendo uma paralelo destes parâmetros que, às vezes, como foi mostrado, podem ter um significado, com alguns fonemas da língua portuguesa, que podem também ter um significado, teremos:

(1) os artigos definidos: a e o. Exemplos: a menina, o menino;

(2) , as desinências de gênero e plural. Exemplos: menina, casas.

Na LIBRAS, portanto, os processos de formação de palavras podem ocorrer através de:

1. **Modificações por adição à raiz**: uma raiz pode ser modificada através da adição de afixos. Por exemplo, a incorporação da negação é um processo de modificação por adição à raiz porque,

- como **sufixo**, ela se incorpora em alguns verbo: a raiz, que possui um determinado movimento em um primeiro momento, finaliza-se com um movimento contrário, que caracteriza a negação incorporada; como nos verbos: QUERER / QUERER-NÃO; GOSTAR / GOSTAR-NÃO;
- como **infixo**, ela se incorpora simultaneamente `a raiz através do movimento ou expressão corporal: TER / TER-NÃO; PODER / PODER-NÃO.

A negação, além de poder ocorrer através destes processos morfológicos, pode também ocorrer sintaticamente porque, através dos advérbios 'NÃO' E 'NADA', pode-se construir uma frase negativa, como no exemplo: EU INGLÊS SABER NÃO, ENTENDER NADA

“eu não sei inglês, não entendo nada”.

Há, ainda, a incorporação do intensificador: “muito” ou de advérbios de modo, que alteram, também, o movimento da raiz.

2. Modificação interna da raiz: uma raiz pode ser modificada por três tipos de acréscimo:

a) o da **flexão** que, através da direcionalidade, marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raiz se inverta ou até adquira uma forma em arco ;

b) o acréscimo do **aspecto verbal** que, através de mudanças na freqüência do movimento da raiz marcam os aspectos durativo, contínuo, etc;

c) o acréscimo de um **marcador de concordância de gênero** que, através de configurações de mãos (classificadores), especifica a coisa: objeto plano vertical/horizontal, redondo, etc

3. Processos de derivação Zero: na LIBRAS, como a língua inglesa, há muitos verbos denominais ou substantivos verbais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbos ou de nome. Exemplos: AVIÃO / IR-DE-AVIÃO; CADEIRA / SENTAR; FERRO / PASSAR-COM-FERRO; PORTA / ABRIR-PORTA; BRINCADEIRA / BRINCAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER, etc.

Alguns destes pares, quando possuem uma marca de concordância com o objeto, apresentam uma estrutura O_iV_i , como o verbo CORTAR-COM-TESOURA; ou apresentam uma diferença em relação ao parâmetro movimento, como os verbos IR-DE-AVIÃO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo AVIÃO, e PASSAR-COM-FERRO, que apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o nome FERRO.

4. Processos de composição: neste processo de formação de palavra duas ou mais raízes se combinam e dão origem a uma outra forma, um outro sinal. Exemplos: CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO “zebra” ; MULHER^BEIJO-NA-MÃO “mãe” CASA^ESTUDAR “escola”; CASAR^SEPARAR “divorciar”; COMER^MEIO-DIA “almoço”; etc.

Pode-se concluir do exposto que, independentemente da modalidade de língua, as categorias gramaticais e os processos de formação de palavras de uma determinada língua apontarão para a sua classificação enquanto língua de um determinado tipo, a partir de seus processos mais produtivos.

5. As Categorias Gramaticais na LIBRAS

As categorias gramaticais ou parte do discurso são os paradigmas ou classes de palavras de uma língua. Toda língua possui palavras que são classificadas como fazendo parte de um tipo, classe ou paradigma em relação a seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, na língua portuguesa, por exemplo, os substantivos são palavras que possuem desinência de gênero e número, são as palavras-chave de um sintagma nominal que pode ter a função de sujeito ou de objeto.

Embora todas as línguas não possuam as mesmas classes gramaticais e muitas línguas não possuem algumas, isso não implica carência ou inferioridade, as línguas tem formas diferenciadas para expressar os conceitos. Por exemplo, na LIBRAS não há artigos, em inglês somente este uma forma para artigo definido: “*the*”.

As outras categorias, que existem na língua portuguesa, também existem na LIBRAS. Aqui serão apresentadas algumas e estudos mais aprofundados destas e de outras, que não serão mencionadas, já estão sendo feitos:

5.1. Verbo na LIBRAS

Basicamente na LIBRAS, há dois tipos de verbo:

a) verbos que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal;

b) verbos que possuem marca de concordância.

Quando se faz uma frase com verbos do primeiro grupo, é como se eles ficassem no infinitivo, por exemplo:

- (1) EU TRABALHAR FENEIS “eu trabalho na FENEIS”;
- (2) EL@ TRABALHAR FENEIS “ele/a trabalha na FENEIS”;
- (3) EL@ TRABALHAR FENEIS “eles/as trabalham na FENEIS”.

Os verbos do segundo grupo podem ser subdivididos em:

1. **Verbos que possuem concordância número-pessoal:** a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Exemplos

:

- (4) _{1s}PERGUNTAR_{2s} “eu pergunto a você”;
- (5) _{2s}PERGUNTAR_{1s} “você me pergunta”

2. **Verbos que possuem concordância de gênero:** são verbos classificadores porque a eles estão incorporados, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA. Exemplos:

- (6) _{pessoa}ANDAR (configuração da mão em G);
- (7) _{veículo}ANDAR/MOVER (configuração da mão em 5 ou B, palma para baixo)
- (8) _{animal}ANDAR (configuração da mão em 5 ou 5, palma para baixo);

3. **Verbos que possuem concordância com a localização:** são verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado, etc. Portanto o ponto de articulação marca a localização. Exemplos:

Não se deve confundir os classificadores, que são algumas configurações de mãos incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, com os adjetivos descritivos que, nas línguas de sinais, por estas serem espaço-visuais, representam iconicamente qualidades de objetos. Por exemplo, para dizer nestas línguas que “uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada”, estas expressões adjetivas serão desenhadas no peito do emissor, mas esta descrição não é um classificador, e sim um adjetivo que, embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA, que é a característica dos classificadores na LIBRAS, como também em outras línguas orais e de sinais.

5.1.2. Advérbios de tempo

Na LIBRAS não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo que indicam se a ação está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. Por isso os advérbios geralmente vem no começo da frase, mas podem ser usados também no final. Para um tempo verbal indefinido, usa-se os sinais:

- HOJE, que traz a idéia de “presente”;
- PASSADO, que traz a idéia de “passado”;
- FUTURO, que traz a idéia de futuro.

5.2. Adjetivo na LIBRAS

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na LIBRAS e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), em para número (singular e plural).

Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor.

Em português, quando uma pessoa se refere a um objeto como sendo arredondado, quadrado, listrados, etc está, também, descrevendo e classificando, mas na LIBRAS esse processo é mais “transparente” porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua.

Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que qualifica. Exemplos:

(14) PASSADO EU GORD@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGR@ EVITAR COMER

(15) LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@

(16) RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@

5.2.1. Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade

Em LIBRAS, também, pode ser comparada uma qualidade a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade.

Para se fazer os comparativos de superioridade e inferioridade, usa-se os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE, ou seja:

- comparativo de superioridade: X MAIS ----- DO-QUE Y;
- comparativo de inferioridade: X MENOS ---- DO-QUE Y.

Para o comparativo de igualdade, podem ser usados dois sinais: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e IGUAL (duas mãos em B, viradas para frente encostadas lado a lado), geralmente no final da frase. Exemplos:

(17) VOCÊ MAIS VELH@ DO-QUE EL@

(18) VOCÊ MENOS VELH@ DO-QUE EL@

(19) VOCÊ-2 BONIT@ IGUAL (me)
IGUAL (md)

5.3. Pronome na LIBRAS

5.3.1. Pronomes pessoais

A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

- primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@;
- segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@;
- terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em “d” (dedo indicador estendido, veja alfabeto manual), o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para “eu” é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para “você” é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para “ele/ela” é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionalizado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

No dual, a mão ficará com o formato de dois, no trial o formato será de três, no quatrial o formato será de quatro e no plural há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em “d” fazendo um círculo.

Como na língua portuguesa, na LIBRAS, quando uma pessoa surda está conversando, ela pode omitir a primeira pessoa e a segunda porque, pelo contexto, as pessoas que estão interagindo sabem a qual das duas o verbo está relacionado, por isso, quando estas pessoas estão sendo utilizadas pode ser para dar ênfase à frase.

Quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se uma certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão

voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

5.3.2. Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar

Na LIBRAS os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial.

Este tipo de pronome e de advérbio estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante.

Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em d), mas os pontos de articulação e as orientações do olhar são diferentes.

Assim, EST@ / AQUI é um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto; ESS@ / AÍ é um apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor, mas para o ponto apontado perto segunda pessoa do discurso; e AQUELE / LÁ é um apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado:

PRONOMES PESSOAIS PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

EU olhando para o receptor EST@ / AQUI olhando para o lugar apontado, perto do emissor (perspectiva do emissor)

VOCÊ olhando para o receptor ESS@ / AÍ olhando para o lugar apontado, perto da 2a. pessoa (perspectiva do emissor)

EL@ olhando para o receptor AQUEL@ / LÁ olhando para o lugar convencionado para 3a pessoa ou coisas afastadas

Como os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos também não possuem marca para gêneros masculino e feminino e, por isso, está ausente, ou neutralidade, está sendo assinalada pelo símbolo @.

5.3.3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos, como os pessoais e demonstrativos, também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso e não à coisa possuída, como acontece em português:

- EU => ME@ SOBRINH@;
- VOCÊ => TE@ ESPOS@;
- EL@ => SE@.FILH@

Para a primeira pessoa: ME@, pode haver duas configurações de mão: uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito.

Para as segunda e terceira pessoas, a mão tem esta segunda configuração em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida: segunda ou terceira.

Não há sinal específico para os pronomes possessivo no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes.
Exemplo: NÓS FILH@ “nosso(a) filho(a)”

5.3.4. Pronomes Interrogativos

5.3.4.1. QUE, QUEM, ONDE

Os pronomes interrogativos QUE e QUEM geralmente são usados no início da frase, mas o pronome interrogativo ONDE e o pronome QUEM, quando está sendo usado com o sentido de “quem-é” ou “de quem é” são mais usados no final. Todos os três sinais têm uma expressão facial interrogativa feita simultaneamente com eles.

O pronome interrogativo QUEM, dependendo do contexto, tem duas formas diferentes, os sinais QUEM e o sinal soletrado QUM. Se se quer perguntar “quem está tocando a campainha”, usa-se o sinal QUEM; se quer perguntar “quem faltou hoje” ou “quem está falando” ou ainda “quem fez isso”, usa-se o sinal soletrado QUM, como nos exemplos abaixo:

interrog.
(20) QUEM
QUEM NASCER RIO?
QUEM FAZER ISSO?
PESSOA, QUEM-É? “Quem é esta pessoa?”
CANETA, QUEM-É “De quem é está caneta”
(contexto: Telefone TDD tocar) QUEM-É?
(contexto: Campainha tocar) QUEM-É

interrog.
(21) QUM
QUM TER LIVR@?
QUM FALAR?

5.3.4.2. QUAL, COMO, PARA-QUE e POR-QUE

Na LIBRAS, há uma tendência para a utilização, no final da frase, dos pronomes interrogativos QUAL, COMO e PARA-QUE, e para a utilização, no início da frase, do pronome interrogativo POR-QUE, mas os primeiros podem ser usados também no início e POR-QUE pode ser utilizado também no final.

Não há diferença entre o “por que” interrogativo e o “porque” explicativo, o contexto mostra, pelas expressões facial e corporal, quando ele está sendo usado em frase interrogativa ou em frase explicativa à pergunta. O pronome interrogativo COMO também tem outra forma em datilologia:

C-O-M-O. Exemplos:

- QUAL?

(22) BLUSA MAIS BONIT@. ESTAMPAD@ OU LIS@ QUAL?

MAIS BONIT@ ESTAMPAD@.

(23) VOCÊ LER LIVRO? QUAL NOME?

NOME “ VENDO VOZES”

- COMO?

(24) VOCÊ IR PRAIA AMANHÃ CARRO ÔNIBUS A-PÉ? COMO?
CARRO. VOCÊ QUER IR-JUNTO?

(25) EL@ COMPRAR CARRO? C-O-M-O TER DINHEIRO?
EL@ GANHAR LOTO

- PARA-QUE?

(26) FALAR M-L EL@ PRA-QUE?
PORQUE EU GOSTAR-NÃO EL@

(27) CHEGAR ATRASAD@ , VOCÊ BEBER?
NÃO, PENSAR M-L! PRA-QUE? BOBAGEM! exp.facial "parece que ele percebeu, me dei mal!!

- POR-QUE?

...interrog...

(28) POR-QUE FALTAR ONTEM TRABALHAR?
POR-QUE ESTAR DOENTE.

5.3.4.3. QUANDO, DIA, QUE-HORA, QUANTAS-HORAS

- QUANDO e DIA

Sempre simultaneamente aos pronomes ou expressões interrogativas há uma expressão facial indicando que a frase está na forma interrogativa.

A pergunta com QUANDO está relacionada a um advérbio de tempo na resposta ou a um dia específico. Por isso há três sinais diferentes para “quando”. Um que especifica passado: QUANDO-PASSADO (palma da mão com um movimento para o corpo do emissor), outro que especifica futuro: QUANDO-FUTURO (palma da mão com um movimento para fora do corpo do emissor), e outro que especifica o dia: DIA. Exemplos:

interrogativo
(29) QUANDO-PASSADO

interrogativo

- EL@ VIAJAR RECIFE QUANDO-PASSADO?

Resposta: ONTEM, MÊS PASSADO, ANO-PASSADO, etc.

interrogativo interrogativo
(30) QUANDO-FUTURO ou DIA

interrogativo

- EL@ VIAJAR SÃO-PAULO QUANDO-FUTURO?
Resposta: AMANHÃ, PRÓXIMO MÊS, DOMINGO, etc;

interrogativo

(31) DIA

interrogativo

- EU CONVIDAR VOCÊ VIR MINH@ CASA. VOCÊ PODER DIA?
Resposta: SÁBADO QUE-VEM, EU PODER.

- **Que-horas e Quantas-horas**

Na LIBRAS, para se referir a horas, usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade e, após doze horas, não se continua a contagem, começa-se a contar novamente: 1 HORA, 2 HORA, 3 HORA, etc, acrescentando o sinal TARDE, quando necessário, porque geralmente pelo contexto já se sabe se está se referindo à manhã, tarde, noite ou madrugada.

A expressão interrogativa QUE-HORAS? (um apontar para o pulso), está relacionada ao tempo cronológico, exemplo:

(32) QUE-HORAS

- AULA COMEÇAR QUE-HORAS AQUI?
- VOCÊ TRABALHAR COMEÇAR QUE-HORAS?
- AULA TERMINAR QUE-HORAS?
- VOCÊ ACORDAR QUE-HORAS?
- VOCÊ DORMIR QUE-HORAS?

Já a expressão interrogativa QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto) está sempre relacionada ao tempo gasto para se realizar alguma atividade, exemplos:

interrogativo

(33) QUANTAS-HORAS

- VIAJAR SÃO-PAULO QUANTAS-HORAS?
- TRABALHAR ESCOLA QUANTAS-HORAS?
- **Expressões idiomáticas relacionadas ao ano sideral**

Na LIBRAS há 2 sinais diferentes para a idéia “dia”: um sinal relacionado a dia do mês, que é a datilologia D-I-A, e o sinal DIA (duração), (que tem a configuração de mão em d, batendo na testa no lado direito) Exemplos:

(34) D-I-A AMANHÃ?
AMANHÃ D-I-A 17

(35) VIAJAR RECIFE ÔNIBUS EU CANSAD@ DIA-2
“Eu estou cansada porque viajei 2 dias de ônibus para o Recife”

Os numerais de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais DIA (duração), SEMA-NA, MÊS e ANO e VEZ, exemplos:

(36) DIA-1, DIAS-2;

(37) SEMANA-1, SEMANA-2, SEMANA-3, SEMANA-4;

(38) MÊS-1, MÊS-2, MÊS-3;

(39) ANO-1, ANO-2, ANO-3;

(40) VEZ-1, VEZ-2, VEZ-3, MUIT@-VEZES

A partir do numeral 5, não há mais incorporação e a construção utilizada é formada pelo sinal seguido do numeral segue. Esta construção também pode ser usada para os numerais inferiores a 5, que permitem a incorporação mencionada acima, exemplos:

(41) DIA 4, DIA 20, SEMANA 8, ANO 6

Aos sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas a freqüência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Exemplos:

(42) TODOS-OS-DIAS - movimento repetido;

(43) DIA-INTEIRO “o dia todo” - movimento alongado;

(44) TOD@-SEMANA 2ª-FEIRA “todas as segundas” - mov. alongado,
TOD@-SEMANA 4ª-FEIRA “todas as quartas”

5.4. Numeral na LIBRAS

As línguas podem ter formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários. Isso também acontece na LIBRAS.

Nesta língua é agramatical, ou seja, errado a utilização de uma única configuração das mãos para determinados numerais que têm configurações específicas que dependem do contexto, por exemplo: o numeral cardinal 1 é diferente da quantidade 1, como em LIVRO 1, que é diferente de PRIMEIRO-LUGAR, que é diferente de PRIMEIRO-ANDAR, que é diferente de PRIMEIRO-GRAU, que é diferente de MÊS-1. Os numerais cardinais, as quantidades, e idade a partir do número 11 são idênticos. Os números 22, 33, 44 e 77 sempre são articulados com a mão apontando para a frente do emissor.

Os numerais ordinais do PRIMEIRO até o NONO têm a mesma forma dos cardinais, mas aqueles possuem movimentos enquanto estes não possuem. Os ordinais do PRIMEIRO até o QUARTO têm movimentos para cima e para baixo e os ordinais do QUINTO até o NONO têm movimentos para os lados. A partir do numeral DEZ, não há mais diferença entre os cardinais e ordinais.

5.4.1. Utilização dos numerais para valores monetários, pesos e medidas

Em LIBRAS para se representar os valores monetários de um até nove reais, usa-se o sinal do numeral correspondente ao valor, incorporando a este o sinal VÍRGULA. Por isso o numeral para valor monetário terá pequenos movimentos rotativos. Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais correspondentes seguido do sinais soletrados R-L “real” ou R-S “reais”.

Para valores de um mil até nove mil também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongando do que os valores

anteriores (de 1 até nove reais). Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais correspondente seguido de PONTO.

Para valores de um milhão para cima, usa-se também a incorporação do sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, mas aqui o movimento rotativo é mais alongado do que em mil. Pode-se notar uma gradação tanto na expressão facial como neste movimento da vírgula incorporada que ficam maiores e mais acentuados : de 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000.

Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas na maioria das vezes não precisa usar o sinal ZERO para centavo porque o contexto pode esclarecer e os valores para centavos ficam iguais aos numerais cardinais.

6. Tipos de Frases na LIBRAS

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por isso para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase, exemplos:

- FORMA AFIRMATIVA: a expressão facial é neutra

(45) Meu nome M-A-R-I-A.

- FORMA INTERROGATIVA: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima

interrog
(46) NOME QUAL? (expressão facial interrogativa feita simultaneamente ao sinal QUAL)

interrog
(47) NOME? (expressão facial feita simultaneamente com o sinal NOME)

- FORMA EXCLAMATIVA: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Pode ainda vir também com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo.

(48) EU VIAJAR RECIFE, BOM! BONIT@ LÁ! CONHECER MUIT@ SURD@

- FORMA NEGATIVA: a negação pode ser feita através de três processos:

a) com o acréscimo do sinal NÃO `a frase afirmativa:

negação
(49) BLUSA FEI@ COMPRAR NÃO;

b) com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado:

negação
(50) GOSTAR-NÃO CARNE, PREFERIR FRANGO, PEIXE;

negação
(51) EU TER-NÃO TTD;

c) com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima:

não
(52) EU VIAJAR PODER

À guisa de conclusão

Compreender a gramática de uma língua é apreender as regras de formação e de combinação dos elementos desta língua. Nesta introdução, a LIBRAS pôde ser

percebida a partir de algumas classes gramaticais. Os estudos, já em andamento, aprofundando nos pontos aqui apresentados e em outros não mencionados, poderão mostrar a gramática desta língua.

Apêndice

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

1. Sinais da LIBRAS: em letras maiúsculas em língua portuguesa.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2. Sinal único: duas ou mais palavras da língua portuguesa separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, NÃO-QUERER "não querer", COMER-MAÇÃ, MEIO-DIA, AINDA-NÃO.

3. Sinal composto: duas ou mais palavras separadas pelo símbolo ^. Exemplos: CAVA-LO^LISTRA "zebra".

4. Datilologia (alfabeto manual): palavra separada, letra por letra, por hífen.
Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

5. Sinal soletrado: datilologia da palavra, ou algumas letras dela, em itálico.
Exemplos: R-S "reais", A-C-H-O "acho", QUM "quem", N-U-N-C-A.

6. Ausência de marca para gêneros (masculino e feminino) e número (plural): símbolo @.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, (toda(s) e todo(s)), EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)".

7. Expressões facial e corporal: especificação sobreposta ao sinal.

a) tipo de frase: !, ?, ?! ou ^{interrogativa} ou ... i ... ^{negativa} ou ... neg ...

b) advérbio de modo ou intensificador: ^{muito rapidamente exp.f "espantado"}

8. Concordância de gênero (pessoa, coisa, animal): Exemplos:

^{pessoa}ANDAR, ^{veículo}ANDAR, ^{coisa-arredondada}COLOCAR

9. Concordância de lugar e/ou número pessoal:

a) **variáveis que indicam o lugar:** i = ponto próximo à 1ª pessoa
j = ponto próximo à 2ª pessoa
k e k' = pontos próximos à 3ª pessoas
e = esquerda
d = direita

b) **peças gramaticais:** 1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
 1d, 2d, 3d = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
 1p, 2p, 3p = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural; etc

Exemplos: 1s DAR_{2s} "eu dou para você",
 2s PERGUNTAR_{3p} "você pergunta para eles/elas",
 kd ANDAR_{k'e} "andar da direita para à esquerda"

10. Marca de plural pela repetição do sinal: uma cruz no lado direito acima do sinal:

Exemplo: GAROTA +

11. Sinal ou sinais feitos pelas duas mãos simultaneamente: um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (me) muitas-pessoas ANDAR (me)
 IGUAL (md) pessoa ANDAR (md)

12. Tradução da frase da LIBRAS para a língua portuguesa: uso de “ ”

Exemplo: 1s DAR_{2s} "eu dou para você"

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO



NÃO - GOSTAR



VSP

NÃO - ENTENDER



VRJ

NÃO - ENTENDER



VSP

NÃO - PODER



VSP / VRJ

NÃO - ENTENDER



PODER



VSP / VRP

NÃO - PODER



**FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA
NÚMERO/PESSOAL**

1s FALAR g



1s TELEFONAR 2s



1s MOSTRAR 2s

2s FALAR 1s



2s TELEFONAR 1s



2s MOSTRAR 1s



1s **AJUDAR** 2s



2s **AJUDAR** 1s



1s **PERGUNTAR** 2s



2s **PERGUNTAR** 1s



1s **RESPONDER** 2s



2s **RESPONDER** 1s



1s **AVISAR** 2s



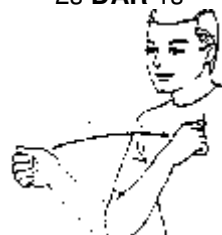
2s **AVISAR** 1s



1s **DAR** 2s



2s **DAR** 1s



Sugestões para sua Atuação

- Solicite cursos de Língua Brasileira de Sinais.
- Utilize os conhecimentos adquiridos para compreender 01 textos produzidos pelo alunos surdos.
- Mostre aos alunos a diferença entre LIBRAS e Português, ao corrigir seus textos.

- Estabeleça contato com a comunidade surda de sua localidade para maior conhecimento de LIBRAS.
 - Solicite um instrutor surdo para sua escola a fim de cooperar com seu fazer pedagógico
-

Bibliografia Consultada

BELLUGI & KLIMA, E. Properties of Visuospatial Language. Paper for *International Congress: Sign Language Research and Application, Conference*. Siegmund Prillwitz(ed.) Hamburg. March 23-25, 1990.

Language: Perspectives from another Modality. In *Brain and Mind*. Ciba Foundation. Series 69 (new series). Excerpta Médica. North Holland. 1979.

BERENEZ, N. Deixis ad referencial Practice: A View from Two Sign Language, *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. Pp. 713-723, 1993.

BERENEZ, N. & FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. *Sign Language Research*. 87: 26-36, 1990.

CALDAS, Beatriz F. *Narrativas em LSCB: um estudo sobre referência*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

Referências em LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 689-693, 1993.

FARIAS, Carla Valéria e Souza. *Atos de Fala: O pedido em língua brasileira de sinais*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro. UFRJ, 1995.

FELIPE, T. A. *Introdução À Gramática de LIBRAS* - Rio de Janeiro: 1997.

FELIPE, T.A. *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros*. Dissertação de Mestrado, UFPE, PE, 1988.

A Estrutura Frasal na LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, pp. 663-672, 1989.

Do Discurso à Gramática da LSCB, in *Seminário sobre FUNCIONALISMO EMCURSO*, 19 set, UFRJ, pp. 52-55, 1991.

Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB. Monografia de conclusão de disciplina "História da Análise do Discurso", do curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ. RJ, 1991.

Aquisição de linguagem por crianças surdas. Monografia para conclusão da disciplina Psicolingüística no curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

Papel Lingüístico das Associações de Surdos no Rio de Janeiro, pesquisa de equipe, nos *Anais de comunicação da 43ª Reunião Anual da SBPC*, RJ, 1991.

A relação sintático-semântica do Verbos da LSCB” nos *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*, no GT Linguagem e Surdez, realizado de 17 a 20 de maio de 1992 em Porto Alegre, 1992.

A Valência dos Verbos na LSCB” nos *Anais do II Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL)*, realizado em 26 e 27 de novembro de 1992 na Faculdade de Letras da UFRJ, 1993.

Por uma tipologia dos Verbos da LSCB” nos *Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL - Vol 2 - Lingüística*, Goiânia, 1993: 724-743.

As Comunidades Surdas do Brasil Reivindicam seus Direitos Lingüísticos. Documento que a FENEIS entregou ao MEC (Movimento “Pela Oficialização da LIBRAS”), Brasília, 1993.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais in Strobel, K.L & Dias, S.M.S. (org.) *Surdez: Abordagem Geral*. FENEIS. Ed. Apta, Curitiba, PR, 1995: 22-23.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. Trabalho que seria apresentado no Encontro da ANPOLL, 1996.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. FENEIS, 1996.

FERREIRA BRITO. L. Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, pp 640-654, 1989.

Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. *Revista Espaço: INES*, ano 1, nº 1:20-43, 1990.

Convencionalidade e iconicidade em Língua dos Sinais. *Anais do I Encontro da ASSEL - Rio*, PUC/RJ, 1991.

Correferência em uma Língua de Sinais Brasileira. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 705-712, 1993.

Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro. Babel Editora. RJ, 1993.

Por uma Gramática de Língua de Sinais. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995. Língua Brasileira de Sinais - Brasília, 1996.

FERREIRA BRITO & LANGEVIN, R. Negação em uma Língua de Sinais Brasileira. *Revista Delta*, Vol. 10, nº 2:309-327, PUC/SP, São Paulo, 1994 .

FISCHER, Susan. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l.,s.n.]. 1973.

GAMA, F. J. Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos. Rio de Janeiro, Typographia Uni-versal de E. & H. Laemmenrt.

HOFFMEISTER, Robert James. *The Development Pronouns Locatives and Personal Pronouns in the Acquisition of American Sign Language by Deaf Children of Deaf Parents*. Doctural Thesis. University of Minnesota. 1978.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição do parâmetro. *Configuração de mão na língua brasileira dos sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado em Letras. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

LOEW, Ruth C. Learning American Sign Language as a First Language: *Roles and Reference*. In: *Proceedings of the third national symposium on sign language research and teaching*. Silver Spring, Md. National Association of the Deaf, 1980.

MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language*. University of California, San Diego and The Salk Institute for Bi-ological Studies. April. 1980.

Person deixis in ASL. In *Theoretical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. University of Chicago Press. Chicago and London. 1990. (175-190).

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27. 1987. (1-52).

PETITTO & Marentette. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontology of Language. In *Science*. v.251. American Association for the Advancement of Science. 1991. p.1397-1556.

PETITTO, L. & BELLUGI, U. Spatial Cognition and Brain Organization: Clues from the Acquisition of a Language in Space. In *Spatial Cognition: Brain Bases and Development* Siles-Davis, Mark Krijchevsky & Ursula Bellugi (Eds.) Hillsdale, NJ:Lawrence Erlbaum 1988. (299-325).

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. (1995). (*Aquisição da Linguagem em crianças surdas*) - 1996.

RODRIGUES, N. Bases Neurológicas da Linguagem. Conferência apresentada no *Simpósio Internacional de Língua de Sinais e Educação do Surdo*. 05 a 09 de maio de 1993. São Paulo.

Avaliação da Aprendizagem

I. MARQUE UM X NA RESPOSTA CERTA:

1. A estrutura lingüística da LIBRAS envolve:

- O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
- A estruturação de sentenças em LIBRAS.
- A aquisição da linguagem.
- n.r.a.

2. A estrutura sublexical dos sinais deve ser estudada no item relativo à:

- formação de palavras
- classificadores
- léxico
- aspecto verbal

3. Assinale a alternativa INCORRETA.

O estudo sobre a formação dos itens lexicais ou sinais a partir de morfemas inclui:

- morfemas lexicais e morfemas gramaticais.
- formação de palavras por derivação e por composição.
- aspecto verbal.
- itens lexicais para tempo e marca de tempo.
- estruturação de sentenças em LIBRAS.

II. ASSINALE V OU F:

4. A aquisição de linguagem por crianças surdas passa por estágios:

- pré-lingüístico.
- estágio de um sinal.
- estágio das primeiras combinações.
- estágio de múltiplas combinações.

III. ASSINALE A ALTERNATIVA CORRETA:

5. Na estrutura das Línguas de Sinais há dois aspectos fundamentais:

- a concordância verbal e o aspecto verbal;
- o estabelecimento nominal e a pronominalização;
- a pronominalização e a concordância verbal;
- o aspecto verbal e o estabelecimento nominal.

6. A LIBRAS distingue-se do Português porque:

- a LIBRAS não possui todos níveis de uma língua: fonológico, estrutural, semântico, pragmático;
- a LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo;
- a Língua Portuguesa possui universais lingüísticos e a LIBRAS não possui.

IV. ASSINALE V OU F:

7. () As estruturas lingüísticas básicas da Língua Portuguesa são praticamente as mesmas da LIBRAS.

() As línguas de sinais são tão naturais quanto as línguas orais.

() Os itens lexicais são os sinais.

() O alfabeto digital é utilizado como veiculação da ortografia de uma palavra em Português.

8. () O movimento das mãos, braço ou pulso faz parte do nível fonológico.

() A direcionalidade estabelece as relações características das preposições e conjunções em Português.

() A incorporação é um item relativo ao aspecto morfológico.

() A negação do sintagma verbal é relativo ao aspecto morfológico.

Chave de Correção

1. O léxico ou vocabulário de LIBRAS.

2. Léxico.

3. Estruturação de sentenças em LIBRAS.

4. Todas são verdadeiras.

5. O estabelecimento nominal e a pronominalização.

6. A LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo.

7. Todas são verdadeiras.

8. V,V,V,F.
